



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE
ITAITUBA-LTDA FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

GILBERTO CARVALHO DA SILVA

**DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM
CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL “DA PAZ”, COMUNIDADE TRAIRINHA, MUNICÍPIO DE
AVEIRO- PARÁ**

ITAITUBA/ PA
2018

GILBERTO CARVALHO DA SILVA

**DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM
CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL “DA PAZ”, COMUNIDADE TRAIRINHA, MUNICÍPIO DE AVEIRO-
PARÁ**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA
2018

SILVA. Gilberto Carvalho.

DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM CLASSES MULTISSERIADAS: Análise na Escola Municipal de Ensino Fundamental “da paz”, Comunidade Trairinha, Município de Aveiro- Pará. CLPL da FAI, 2017: CLPL da FAI, 2018.

70 Pags..

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2018.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1- Educação. Multissérie. Desafios. I- Lucia Maria da Costa Cruz. II- Faculdade de Itaituba, Itaituba- BR-Pará, 2018.



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI**

Av. Dr. Governador Fernando Guilhon, 4^a. Rua
Cidade Alta, Bairro Jardim das Araras
68180-110 - Itaituba-Pará.
Telefone (93)3518-4320/ Fax: (93)3518-4319.
Site: www.unifait.edu.br /E-mail: fai@unifait.edu.br

ACADÊMICO: GILBERTO CARAVALHO DA SILVA

**DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM
CLASSES MULTISSERIADAS: Análise na Escola Municipal de Ensino
Fundamental “da Paz”, Comunidade Trairinha, Município de Aveiro- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente _____ **Nota:** _____

Prof.^a. Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Orientadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Railane Esmeralda Cruz Figueira, Esp.

Avaliador: _____ **Nota:** _____

Prof. Francisco Claudio de Sousa Silva, Dr.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 21 de Dezembro de 2018.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao meu Deus que me deu força e coragem; e à minha família em especial à minha mãe Maria Edite Carvalho da Silva.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu Deus que esteve comigo em todo momento nesta caminhada, iluminando o meu caminho; pois. Se não fosse sua presença em minha vida, sua fidelidade e sua ajuda, eu teria fracassado e não teria chegado a esta vitória.

Agradeço imensamente à minha família, que amo incondicionalmente, pela proteção e dedicação; especialmente à minha querida mãe Edite Carvalho da Silva, que me apoio em todos os momentos difíceis.

Aos meus irmãos Alberto Carvalho da Silva, Albertina Carvalho da Silva e Lucinéia Carvalho da Silva.

Ao meu avô Adelino Pereira de Carvalho e à minha sobrinha Keuly Cristina Silva e Silva e aos demais da família.

Ao casal que durante quatro anos me acolheu como um filho, em sua residência, o Sr. Zilmar Silva Machado e sra. Maria Antônia Pereira Machado

A todos os irmãos da Igreja Prebisteriana Renovada e Assembleia de Deus; e aos pastores e pastoras, em especial ao casal que tenho bastante estima, sr, Cícero Figueiredo Júnior e Rosângela do Espírito Santo figueiredo.

À minha orientadora profa. Lucia Maria da Costa Cruz, que me ajudou em minha formação com sua dedicação e esteve sempre disposta a me orientar nas horas que eu mais precisava.

Ao prof. Dr, Francisco Claudio, um profissional digno e justo, também coordenador do curso de pedagogia da FAI, que sempre transmite o conhecimento de forma excelente a todos que precisam.

Agradeço aos professores que contribuíram para o meu aprendizado; sem esquecer aos colaboradores dos serviços gerais, secretaria, biblioteca, financeiro, xerox e ao exmo. Reitor. Sr, Abel H. de Sá Almeida.

Aos amigos e colegas que durante o período acadêmico estiveram juntos comigo, compartilhando conhecimentos e que me deram a oportunidade de conhecer a verdadeira essência da palavra AMIZADE.

Enfim, agradeço cordialmente a todos eu direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste meu projeto.

A DEUS, TODO LOUVOR, HONRA E GLÓRIA!

“O mestre disse: Por natureza, os homens são próximos; a educação é que os afasta”.

Confúcio

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, com o tema sobre Desafios do trabalho docente na educação do campo em classes multisseriadas, objetivou analisar a questão com professores na escola municipal de Ensino Fundamental “da paz”, na comunidade Trairinha, município de Aveiro- Pará. Para tanto, foi necessário uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico, com autores específicos como Arroyo (1992), Brasil (2007), Ferreira (2011), Leite (1999), Feire (2005), Zabala (1998), dentre outros; e outra pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, onde ocorre uma análise reflexiva relativa ao estudo, tendo como sujeitos da investigação, quatro docentes da referida escola. Esta investigação foi norteada por questões inerentes como: Quais são os desafios de um professor que trabalha com classes mutisseriadas na educação do campo? *A escola proporciona uma estrutura adequada para as turmas com multisséries? Quais metodologias os docentes utilizam para estas classes? A seguir, ocorreu a coleta e análises dos dados obtidos durante os estudos, com discussões e comentários sobre os resultados. Foi necessário a sugestão de algumas propostas, tanto para o melhor desenvolvimento do trabalho docente, quanto para a superação de desafios e dificuldades existentes neste contexto educacional, que precisa ser uma atenção especial, já que trabalha o contexto da formação e desenvolvimento do ser humano. Com isso, pode-se perceber que uma metodologia adequada e a adaptação curricular é utilizada para um trabalho mais eficaz, que a ausência do poder público é evidente, que há a ausência dos pais no ambiente escolar, cujas participações na vida dos filhos faz-se necessária. Também verificou-se que a questão dos transportes utilizados por alunos e professores, que é feito através de transportes terrestres sofrem com a precariedade das estradas. Assim, a educação no campo, com classes formadas por multisséries, vai acontecendo de acordo com as possibilidades da realidade de cada sujeito inserido no contexto do campo, na zona rural, com sua cultura e peculiaridades.

PALAVRAS- CHAVE: Educação. Multissérie. Desafios.

SUMMARY

The present Work of Conclusion of Course, with the theme on Challenges of the teaching work in the education of the field in multisseriados classes, aimed to analyze the question with teachers in the municipal school of Fundamental Education "of the peace", in the community Trairinha, municipality of Aveiro-Pará (1992), Brazil (2007), Ferreira (2011), Leite (1999), Feire (2005) and Zabala (1998), among others; and another field research, with a qualitative approach, where a reflexive analysis of the study is carried out, having as subjects of the investigation, four teachers of this school. This research was guided by inherent issues such as: What are the challenges of a teacher working with multi-grade classes in rural education? * Does the school provide a suitable structure for multi-grade classes? What methodologies do decent people use for these classes? Next, data collection and analysis were obtained during the studies, with discussions and comments about the results. It was necessary to suggest some proposals, both for the better development of the teaching work, and for overcoming the challenges and difficulties in this educational context, which needs to be a special attention, since it works the context of the formation and development of the human being. Thus, it can be seen that an adequate methodology and curricular adaptation is used for a more effective work, that the absence of the public power is evident, that there is the absence of the parents in the school environment, whose participation in the life of the children becomes, if necessary. It has also been found that the issue of transport used by students and teachers, which is done by land transport, suffer from the precariousness of the roads. Thus, education in the field, with classes formed by multiserries, is happening according to the possibilities of the reality of each subject inserted in the context of the field, in the rural zone, with its culture and peculiarities.

KEY WORDS: Education. Multiserries. Challenges.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Quais são as dificuldades de trabalhar no campo?	51
QUADRO 02	Quais os desafios do professor que trabalha em escolas com classes multisseriadas?	51
QUADRO 03	Descreva uma classe multisseriada nesta escola	52
QUADRO 04	Quais são os perfis dos alunos que estudam em multiséries?.....	53
QUADRO 05	Quais tipos de transportes os alunos utilizam para chegar à escola?	54
QUADRO 06	A comunidade contribui com a educação dos filhos? De que forma?	55
QUADRO 07	A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como?	56
QUADRO 08	Como são trabalhados os currículos em classes com multisséries?	57
QUADRO 09	Fale sobre as expectativas da educação no campo, com as turmas multisseriadas, mesmo com os desafios e dificuldades encontradas nas rotinas dos alunos e professores.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA MULTISSÉRIE NA ESCOLA	14
1.1 EDUCAÇÃO NO CAMPO: UM POUCO DA HISTÓRIA	14
1.2 CLASSES MULTISSERIADAS: REALIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	23
1.3 MULTISSÉRIE E ORGANIZAÇÃO DA CLASSE: FACILIDADE OU NECESSIDADE?	25
1.4 PERFIL DO ALUNO DO CAMPO	28
2 A ESCOLA COM CLASSES MULTISSERIADAS: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES.....	32
2.1 ESTRUTURA DA ESCOLA PARA MULTISSÉRIES.....	32
2.2 O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSES MULTISSERIADAS.....	37
2.3 EXPECTATIVAS DA EDUCAÇÃO MULTISSERIADA	42
2.4 ESCOLA MULTISSERIADA: UM JEITO DIFERENTE DE EDUCAR	45
3 DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUDAMENTAL “DA PAZ”, COMUNIDADE TRAIRINHA, MUNICÍPIO DE AVEIRO- PARÁ	48
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	48
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	50
3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	50
3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO ..	59
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICES	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso trata dos desafios do trabalho docente na educação do campo em classes multisseriadas na escola municipal de ensino Fundamental “da paz”, na comunidade Trairinha localizada no município de Aveiro, Pará e fluiu a partir da necessidade de compreender para analisar tais desafios e dificuldades dos docentes ao trabalhar com turmas constituídas por séries diferentes, com sujeitos que apresentam comportamentos, desenvolvimento cognitivo e disparidades de séries e idades.

Assim, foi necessário algumas questões para direcionar o trabalho, que consistem em: Quais são os desafios de um professor que trabalha com classes mutisseriadas na educação do campo? A escola proporciona uma estrutura adequada para as turmas com multisséries? Quais metodologias os decentes utilizam para estas classes?

Para se chegar às conclusões, fez-se necessário desenvolver este trabalho através de uma pesquisa bibliográfica dentre outros autores foram (ARROYO, 1992), (BRASIL, 2007), (FERREIRA, 2011), (LEITE, 1999), (FEREIRE, 2005), (ZABALA, 1998), e uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, ocorrida no período de Outubro de 2018, com uma entrevista através de questionários a quatro docentes que trabalham efetivamente na referida escola.

A estrutura está dividida em três capítulos, onde o primeiro, faz uma abordagem do contexto histórico da multissérie na escola, ressaltando um pouco da história da educação no campo; as classes multisseriadas: e suas realidades na educação; a organização das classe, com uma reflexão na condição de facilidade ou necessidade e o perfil perfil do aluno do campo.

O segundo capítulo trata da a escola com classes multisseriadas, seus desafios, limites e possibilidades; estrutura da escola para a clientela; o professor e as práticas pedagógicas, as expectativas da educação neste contexto e a escola multisseriada, um jeito diferente de educar.

O terceiro capítulo traz a pesquisa e os resultados sobre desafios do trabalho docente na educação do campo em classes multisseriadas, onde fez-se uma análise na escola investigada, apresentando sua caracterização, os procedimentos metodológicos, perfis dos professores entrevistados. Com o

resultado, fez-se uma análise qualitativa com discussões e comentários; seguido de propostas contribuintes para a educação no campo. Por fim, a conclusão com as referências bibliográficas utilizadas para o embasamento teórico da produção.

A partir do resultado das investigações, percebeu-se que a escola ainda precisa avançar muito para se tornar a instância com estrutura ideal para atender o aluno do campo, com sua cultura e estilo de vida de quem vive no campo, que precisa de uma assistência adequada dos poderes competentes para viabilizarem estradas adequadas; pois não bastam somente os carros e motos, mas vias trafegáveis para o transporte dos alunos e professores. É visível a necessidade da presença dos pais na escola, pois suas presenças contribuem para o bom desempenho dos filhos; como também é importante a participação de todos nos eventos cívicos e sociais.

Este estudo proporciona uma reflexão acerca da educação no campo, com suas diversidades, seu modo de acontecer, com salas que contém turmas com multisséries e com alunos com saberes e conhecimentos diferenciados e com professores que tentam superar os desafios impostos pelas condições diversas do seu trabalho.

Assim, quanto à questão curricular, percebeu-se que os docentes unificam por etapas os conteúdos a serem trabalhados e que as metodologias são para todos, mesmo com as diversidades em sala de aula. Pois de um currículo específicos para cada série e recebe as mesmas em uma sala de aula para serem trabalhadas ao mesmo tempo e mesmo espaço. Um desafio a ser superado. Acolher as diferenças pauta uma ação complexa, interdisciplinar, coletiva no planejamento, no trato, na aprendizagem com o outro, num currículo que trabalha na riqueza da flexibilidade e dos desafios da sociedade complexa é enxergar cada homem, cada mulher inseridos na multiplicidade da própria vida.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA MULTISSÉRIE NA ESCOLA

1.1 EDUCAÇÃO NO CAMPO: UM POUCO DA HISTÓRIA.

A educação no campo, sempre funcionou com a opção de turmas com mais de uma série, ditas como classes multisseriadas. Desde que foi criada a Primeira Lei Geral de educação no Brasil, de 15 de outubro de 1824 que dispunha sobre a educação no Brasil, os habitantes do meio rural estiveram relegados à marginalidade, no tocante à construção de planos educacionais que fossem condizentes com sua realidade e modo de vida. Não atentava-se ainda para esta necessidade.

Percebe-se que o descaso e abandono por parte do Estado brasileiro para com esse povo se estendeu por vários anos, sem a menor preocupação. Atualmente, a mobilização de grupos sociais, com o maior apoio nas universidades é que se tem conseguido maiores êxitos, apesar de ainda está-se ainda muito longe de chegar ao ideal, que precisa antes de tudo, fundamentar-se na ação verdadeira e significativa da esta modalidade.

E preciso compreender que a primeira metade do século XX, quando a população rural era maior do que a urbana, o Estado não se preocupava com políticas educacionais voltadas para o campo. “Para a realização do ensino na zona rural, a união reservara no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas a educação no respectivo orçamento anual.” (BRASIL, 1934 apud FERREIRA e BRANDÃO, 2011, p. 6). Assim, constituição de 1934, que falava sobre a educação no campo em apenas um artigo, de forma superficial, explicando apenas do orçamento destinado a educação no campo, na qual orientava na constituição de 1937, o descaso permanece e todos os que estão inseridos no contexto, podem perceber com as dificuldades que ocorrem.

Assim, essa exclusão do campo, no cenário de políticas que os contemplassem, tem início no período após a Proclamação da República em 1889. É que a organização escolar brasileira passava a sofrer uma forte influência do positivismo que consistia em algo seguro e até então definitivo; e, junto veio uma valorização da industrialização, atribuindo maior importância ao modo de vida e produção urbana, sem levar em conta as outras formas de vida e trabalho, deixando de lado as pessoas que viviam e produziam no campo, sem ninguém se preocupar com quem sustenta até hoje, parte da economia.

Após a proclamação da República, em 1889, a organização escolar no Brasil sofreu influência da Filosofia Positivista Francesa que teve como característica estimular e exaltar a industrialização moderna, sem nenhuma preocupação com as demais formas de organização da sociedade a exemplo dos que residem e produzem no campo (FERREIRA e BRANDÃO, 2011, p. 5)

Diante do citado, a implantação de um modelo urbano e tecnocrata de educação no campo, estava em acordo com uma política que poderia dar certo, embora ainda não oficial, que tinha o campo como fornecedor de mão de obra para a indústria; e a escola como ferramenta de preparação desta, que eram os que viviam no campo e precisava ser qualificados.

Assim, surgiu uma nova oportunidade para quem vive na zona rural e que daria bons trabalhadores. “A orientação político educacional capitalista fica bem explícita, sugerindo a preparação de um contingente maior de mão de obra para as novas atividades abertas no mercado – a industrialização” (FERREIRA e BRANDÃO, 2011, p. 6). Desta forma, fica bem claro que a educação da população rural brasileira, durante quase todo século XX não teve a devida atenção necessária, a que tinham direito e foi feita de qualquer forma para atender o que os capitalistas queriam.

A escolarização do campo no Brasil sempre ficou em segundo plano, talvez porque desde o feudalismo a elite que dominava, sempre tinha visto os camponeses como submissos; portanto, não dignos de ter algum conhecimento científico através da escola.

Diante disto, devido à concepção ideológica que fundamentava e amparava o sistema capitalista, que lucra mais, quando os indivíduos desconhecem os seus direitos e ficam alheios e não reivindicam melhores condições de trabalho e vida por não compreenderem as leis. A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, Art. 227 que estabelece que:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma e negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Está bem evidente que quando percorre-se o campo percebe-se como as estruturas das escolas dessas áreas são, em sua maioria, de pequeno porte, com

uma ou duas salas de aula e quase todas oferecem ensino fundamental de 1º ao 5º ano, no máximo. Muitas escolas possuem turmas multisseriadas, com um único professor responsável pela aplicação do conteúdo didático para as quatro séries. O currículo é extenso, as dificuldades são mais evidentes.

Assim, uma dessas conquistas se revela com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a qual institui em seu artigo 28, os seguintes direcionamentos para a escola do campo, que parecem ser especiais:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL/MEC, LDB, 9.394/96, art. 28).

De acordo com o citado acima, há muitos direitos à melhorias para quem trabalha no campo em classes multisseriadas; mas não estão ainda em prática, pois precisa-se de uma adequação e do entendimento de quem promove esta educação.

É conhecido que além da sobrecarga de trabalho desses profissionais e das más condições de trabalho que lhes são proporcionadas, o salário para os professores da zona rural tende a ser menor comparado ao salário dos professores da rede urbana, que torna-se uma disparidade considerável.

De acordo com dados do INEP (2007) os professores do campo recebem 60% a menos do que os professores urbanos. Isto acontece, talvez, porque esses professores não possuem qualificação profissional considerada adequada ou porque os prefeitos através das SEMED não valorizam a educação e, o Estado brasileiro se omite diante os problemas de quem trabalha e de principalmente daqueles que recebem a escolarização. A reunião de todos esses fatores interferentes, contribuem para o desempenho insatisfatório dos alunos e a desistência dos mesmos, aumentando ainda mais a taxa de evasão e cancelamento de matrículas, para quem estava com a esperança de mudar através da educação.:

[...] o problema das turmas multisseriadas está na ausência de uma capacitação específica dos professores envolvidos, na falta de material pedagógico adequado e, principalmente, a ausência de infra-estrutura básica – material e de recursos humanos – que favoreça a atividade docente e garanta a efetividade do processo de ensino-aprendizagem. (...) (INEP, 2006:19 Apud SECAD, 2007, p. 22).

Ressalta-se através do INEP que a qualificação dos professores está no auge dos problemas da educação com turmas multisseriadas no campo, seguido de falta de materiais didáticos pedagógicos especiais e adequados para esta modalidade e um amparo efetivo ao profissional.

Mediante isto, percebe-se que ao invés de admitir que o problema das turmas multisseriadas, passa a culpar outros fatores, que são verdades agravantes, mas sem ligação direta com a questão fundamental do por que existir escolas com tal modalidade de ensino, onde deveria ser diferente. E se existisse que tivesse suprido os componentes que tanto são necessários a partir da valorização do professor. Mas a questão principal está no descaso público em garantir escolas de qualidade tanto no setor urbano como rural atendendo a estes últimos às peculiaridades do campo. E isso não está acontecendo.

Por isso, a educação no Brasil é fruto de lutas e resistências e mantém as velhas contradições referentes ao modelo de sociedade que a gestou e parece não querer sair desta realidade. Quando trata-se da Educação do Campo, Educação Rural segundo a LDB 9396/96, a situação não é diferente. É importante abordar de modo mais evidente questões importantes para a prática pedagógica com eficiência para que a educação nesta área, possa acontecer de verdade. De acordo com Leite (1999):

1.Quanto à clientela da escola rural: a condição do aluno como trabalhador rural; distâncias entre locais de moradia/trabalho/escola; [...]2. Quanto à participação da comunidade no processo escolar: um certo distanciamento dos pais em relação à escola, embora as famílias tenham a escolaridade como valor sócio-moral. 3. Quanto à ação didático-pedagógica: currículo inadequado. 1. quando, geralmente, estipulado por resoluções governamentais, com vistas à realidade urbana; estruturação didático-metodológica deficiente; salas multisseriadas; calendário escolar em dissonância com a sazonalidade da produção; ausência de orientação técnica e acompanhamento pedagógico; ausência de material de apoio escolar tanto para professores quanto para alunos. (LEITE, 1999, p. 55-56)

Diante do que cita (LEITE, 1999), a educação no campo é caracterizada por um público especial, com suas diferenças e peculiaridades; a partir de uma visão

das condições em que vivem, como distância, moradia, desenvolvimento intelectual e idades. Ocorre também a questão do calendário que muitas vezes não é adaptado, a falta de assistência do técnico pedagógico e especialmente materiais escolares para quem está neste contexto.

Por isso, a história da educação no Brasil revela que pouco foi feito em prol da educação daqueles que vivem no campo. Esta educação do campo, muitas vezes, apresenta dificuldades de compreender e valorizar a realidade do lugar onde reside, bem como preservar os saberes tradicionais, sua própria história, suas relações e experiências no espaço vivido, uma vez que a educação no espaço rural, em várias situações, tem priorizado em ensino baseado em saberes e práticas urbanas.

As escolas do campo organizadas em classes Multisseriadas ainda se constituem como um desafio para os docentes, discentes, comunidades envolvidas no processo e autoridades, vistos a maioria das escolas brasileiras- mais de 50% - estão localizadas no campo e destas, cerca de 60% são Multisseriadas ou mistas. O que indica que este desafio a ser enfrentado e não superado. Ferri (1994), aborda que:

a) o professor sente solidão e está, de fato, isolado; b) há dificuldade de atendimento individual aos alunos; c) as crianças têm dificuldade em se adaptarem à 5ª série; d) o professor acumula cargos: é também merendeiro, faxineiro, diretor, secretário; e) existem dificuldades de acesso ao material didático e às bibliotecas; f) atender quatro séries ao mesmo tempo é muito trabalhoso; g) as crianças de 1ª série, no processo de alfabetização, são muito prejudicadas, pois não têm a atenção de que necessitam; h) planejar para quatro séries, fazer quatro planos por dia é demais; b) a aprendizagem das crianças parece mais lenta, porque é muito dificultada pelo contexto em que elas vivem. Elas quase não têm acesso a livros, quase nunca saem da comunidade; j) o professor, que não mora na comunidade, não tem tempo de conhecer melhor a comunidade e seus alunos. Se depender de ônibus, quase não tem tempo nem para dar o período de aula, pois precisa utilizar-se do único transporte da região que sai no mesmo horário de aula; l) são crianças muito diferentes entre si. Há crianças de 7, de 13, de 14 anos. Os grupos são muito heterogêneos. (FERRI, 1994, p. 67)

Como citado por Ferri (1994), que fala sobre as classes multisseriadas nas áreas rurais; em algumas limitações que os professores afirmam ter ao lecionarem em classes multisseriadas, como o isolamento, dificuldades de acúmulo como de trabalho e de cargos para que a escola funcione e outras questões condizentes ao contexto escolar que reduz a acessibilidade do aluno à escola como os transportes

escolares e clima da região e principalmente a disparidade de idades e faixas etárias com conhecimentos diferentes.

. Nas escolas do campo, o ensino ainda precisa ser discutido com mais frequência para que se possa encontrar métodos para o melhor aprendizado do aluno. Salas com turmas Multisseriadas são classes onde o docente ministra aulas para estudantes de diferentes séries e idades, desenvolvimento intelectual diversificado, e ainda a questão de conteúdos que devem ser repassados.

Definindo a ampliação de novos campos de luta para a Educação do Campo, [...]com isso firma-se uma nova agenda política definida na Carta de Luziânia: Defesa de um projeto de sociedade justa, democrática e igualitária [...]. Defesa de uma educação que ajude a fortalecer um projeto popular de agricultura, [...]. Defesa de uma educação para superar a oposição entre o campo e a cidade e a visão predominante de que o moderno e o avançado é sempre o urbano, [...]. Defesa do campo como lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação e lazer. (BRASIL, 2009, p.14)

Precisa-se de um olhar diferente para quem vive na zona rural, que tem uma cultura, uma vida e saberes que devem ser explorados e conectados aos conhecimentos sistematizados. É necessária uma nova avaliação, para que se possa garantir uma boa educação digna para esses sujeitos. Repensar em novas propostas pedagógicas e curriculares voltadas para a realidade do campo, que contribua de quem está na escola, e que precisa um ensino de qualidade de digno, por um profissional motivado e valorizado em um contexto que poucos gostariam de está incluído.

Nesta situação, o aluno do campo, muitas vezes, apresenta dualidades de compreender e valorizar a realidade do lugar onde reside, bem como preservar os saberes tradicionais, sua própria história, seus costumes e suas vivências, suas relações com o outro e com a natureza e experiências adquiridas; uma vez que a educação no espaço rural, em várias situações, tem priorizado um ensino baseado em saberes e práticas urbanas, em detrimento do estudo do lugar, de seus sujeitos e seus saberes sociais, e nem sequer se preocupa em considerar o contexto de quem vive no campo.

Estes são os desafios de quem trabalha e de quem estuda. E uma educação com currículos urbanos, sem a preocupação de adaptação e nem de alguém para contribuir com os professores. Como Moura (2009) enfatiza:

A educação deve buscar o fortalecimento da identidade do homem e do meio rural, partindo da preservação de seus valores e de sua cultura. Porém, esse resgate ético e cultural deve ocorrer à luz de novos conceitos provenientes do avanço técnico-científico, e das novas necessidades, que assinalam o mundo contemporâneo e que, direta ou indiretamente, modificam o meio físico e cultural. A escola do campo se converte em lugar de ensino, de difusão de conhecimentos, instrumento de acesso das camadas populares ao saber, aos processos de emancipação e de autonomia, cumprindo função não só de transição de conhecimentos. (MOURA, 2009, p.13).

Diante do exposto, a educação deve fortalecer a identidade humana de quem vive no campo, a partir de seus valores étnicos, morais e culturais, abordando os saberes científicos que fazem-se necessários neste novo mundo em que a tecnologia favorece q alguém tem acesso a ela.

Assim, a educação no contexto rural surge através de muitas discursões efetivadas pelo MST, e reflexões que ressaltam o propósito de reconstruir a democracia e reconquistar direitos do povo do campo, que só estão na condição de distantes da zona urbana. As classes com salas Multisseriadas são rotuladas como sendo sinônimo de atraso e de baixa qualidade; por se tratar de turmas compostas por várias séries, orientadas por um único professor que simplesmente repassa conteúdos curriculares.

A maioria dessas, são localizadas em zonas rurais, com estruturas físicas e materiais precários. No entanto, o ensino nessas turmas pode ser sim de qualidade, desde que ofereça condições estruturais mínimas para isso e demais aparatos para que se desenvolvam os conhecimentos que são direitos de todos, com a garantia de uma educação de qualidade, e que não percam a essência de suas escolas, para que não percam a verdadeira identidade do ensino no espaço rural. Como assegura Feliciano et al (2011), o conceito de educação do campo, “Visa garantir ao trabalhador/a do campo o direito de educar-se de acordo com as suas próprias particularidades culturais e especificidades de vida e de luta. Corresponde ao reconhecimento de que historicamente o Estado negou a educação deste teor à população do campo” (FELICIANO, 2011, p. 2).

Como afirmado acima, a educação rural, onde há classes multisseriadas, deve garantir ao trabalhador do campo o direito à educação com todas as suas características; mas isso não ocorre. E esta negação, quando ao realizar as atividades de campo nas escolas, observa-se nos Projetos Políticos Pedagógicos não constam as diretrizes da história do campo.

A educação que deveria ser direcionada para o homem do campo no Brasil, sempre ficou em segundo plano; pois a elite dominante sempre tem visto os camponeses como seus submissos, não dignos de ter algum conhecimento científico, geralmente devido à concepção ideológica que fundamenta o sistema capitalista, que lucra mais quando os indivíduos desconhecem os seus direitos e não reivindicam melhores condições de trabalho e vida. E os trabalhadores tem que se contentar com o que é oferecido.

Outra questão ocorrente é o problema da ausência de uma administração competente e que saiba usar com responsabilidade os recursos direcionados para essa finalidade; pois muitas questões para a população camponesa são desconhecidas por falta de informação, bem como, a falta de assistência e supervisão pedagógica e também de um calendário escolar que seja adequado às necessidades dos sujeitos do meio rural, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (MEC/LDB 1996: art.28).

Desta forma, de acordo com a LDB (1996), a educação rural tem seus direitos garantidos, como a adaptação de calendário letivo de acordo com as necessidades do aluno; a metodologia utilizada para as aulas também precisam ser bem trabalhadas e planejadas. Caso contrário, a educação torna-se um desafio maior tanto para os alunos quanto para os professores e contribui para desconstruir ou comprometer a identidade sociocultural dos moradores da localidade.

Este descaso com a educação do campo, por ter a necessidade de ser desenvolvida com multisséries, proporciona a ida dos alunos para estudar na cidade, em busca de melhores condições de aprendizagem, comparadas às estas se encontram. Percebe-se no Parágrafo Único do artigo 2º, que explica com clareza a característica de escola do campo defendida pelos sujeitos sociais que estão inseridos nela.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (LDB, 1996)

A luta por uma educação do e no campo é para que sirva às necessidades de quem está na zona rural; e não apenas para o campo, oriunda apenas através dos movimentos sociais que chegaram além de seu espaço. É preciso rever estas questões.

A falta de atenção para esta modalidade já não é tão grande, em virtude das conquistas alcançadas ao longo dos anos, como as leis já citadas anteriormente, às quais contribuíram significativamente na luta por uma educação de qualidade no e do campo. Munarim (2008) nomeou de Movimento Nacional de Educação do Campo:

a experiência acumulada pelo Movimento Sem Terra (MST) com as escolas de assentamentos e acampamentos, bem como a própria existência do MST como movimento pela terra e por direitos correlatos, pode ser entendida como um processo histórico mais amplo de onde deriva o nascente Movimento de Educação do Campo (MUNARIM, 2008, p. 59).

De acordo com Munarim (2008), mesmo com a sanção da Pres. Dilma Rousseff, da Lei 12.960 de 27/03/2014, as escolas do campo continuam sendo fechadas Brasil afora, mesmo que agora com mais burocracia; porém, continua sendo prática usual por conta de estados e municípios. É que a lei não prevê maiores sanções aos mesmos, ficando circunscrito apenas a dificultar tal prática.

Essa política atinge a zona rural brasileira, que passa a contar com uma nova estrutura de escola do Campo, as escolas nucleadas. Essas são fruto das nucleações das escolinhas multisseriadas fechadas ao longo dos últimos anos, como menciona-se acima. Mas o que passa-se a questionar também é as dificuldades dos alunos para utilizar esses transportes, já que moram distantes e o clima às vezes atrapalha, dificultando a chegada até à escola.

Estas escolas se concentram em comunidades mais centrais em determinadas regiões dos municípios e comportam um número relativamente alto de estudantes oriundos das comunidades rurais. E isso torna-se mais consistente

uma situação que deveria ser amenizada, vem com salas lotadas, docentes mais atarefados com acúmulos de responsabilidades; pois a concentração de alunos aumenta e com isso, o que seria uma solução, poderá agravar mais ainda. Mas mesmo assim, para que esta realidade de desafios e dificuldades das classes multisseriadas sejam superados, precisa-se de políticas públicas que direcionadas especificamente para esta questão que está bem longe de se tornar uma educação perfeita.

1.2 CLASSES MULTISSERIADAS: REALIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Quando trata-se educação, aborda-se aspecto de fundamental importância para os seres humanos, uma vez que possibilita não só o acesso a várias informações, como também a construção de saberes e conhecimentos, conduzindo a busca de novos caminhos para compreensão das ações humanas e sociais. Ela não é simplesmente uma oportunidade de descoberta, mas é um direito social do indivíduo garantido por lei. Todos têm direito de ingressar em uma escola de qualidade.

Assim, a Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008, estabeleceu as “diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas para a Educação Básica do Campo”, e também define com clareza o que é e a quem se destina a educação do campo no artigo 1º,

A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida - agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros. (BRASIL, 2008)

Percebe-se que a educação rural, é privilegiada com a Educação Básica que abrange da Educação Infantil até ao Ensino Médio, a Educação Técnica integrada, para atender às necessidades educacionais das populações da zona rural. Esse povo é formado por aqueles radicados no interior como pescadores. Agricultores, indígenas, ribeirinhos e demãos que vivem longe da realidade das cidades que forma a zona urbana.

As classes Multisseriadas são caracterizadas como estrutura precária, em todos os aspectos; por isso, muitos caracterizam como geradora de um ensino de segunda categoria e o que é pior, sem alternativa de melhoria, apenas para fazer de conta que existe. Partindo desse ponto de vista, muitos educadores optaram por deixar como está, pois não recebem uma preparação adequada para lidar com esse tipo de situação e nem apoio governamental para direcionar o trabalho com a dignidade.

Desta forma, fica quase sem condições uma boa qualidade na educação. Muitos associam qualidade de aprendizado com o professor em salas de aulas que por muito das vezes as salas que estão lotadas, sem a mínima condição, sem merenda escolar e inúmeras outras coisas. Em muitas comunidades rurais a pedagogia de escolas multisseriadas é utilizada como única alternativa para dar acesso a escolaridades da população que vive e trabalha neste ambiente. Como afirma Buarque (1994):

Historicamente as classes Multisseriadas são consideradas como estrutura precária, por isso, muitos a caracterizaram como geradora de um ensino de segunda categoria e o que é pior, sem alternativa de melhoria. Partindo desse ponto de vista, muitos educadores e gestores optaram por esquecê-las, esperando que desapareçam. No entanto, essa é uma consequência natural de um processo de desenvolvimento econômico que destacou para as cidades, nas últimas décadas, por conter um enorme contingente de população rural. (BUARQUE, 1994, p.77)

Diante do citado, afirma-se que as classes com multisséries, típicas das escolas do interior, são caracterizadas como instituições com estruturas inadequadas para desenvolver uma educação de qualidade. E isto, torna-se algo sem condições de melhorar, já quem não tem como fazer diferente. A escola do campo tem sua identidade caracterizada e definida pela sua realidade, baseando-se no tempo, ancorando-se, no conhecimento de cada aluno em relação à sua realidade, e pela busca do social que é diferente, quanto à sua cultura.

Portanto, deve-se também considerar que o trabalho docente torna-se um desafio, quanto à organização das salas para se obter um melhor desempenho dos alunos; na elaboração de aulas e projetos interdisciplinares; na questão dos materiais didáticos pedagógicos que possam favorecer ao menos nestes aspectos citados, a promoção de uma educação, que não excelente, mas que tenha ao menos qualidade. O aluno do campo que se depara com esta situação, só quer

mesmo estudar e garantir um futuro melhor através da educação; pois ele também tem esse direito.

1.3 MULTISSÉRIE E ORGANIZAÇÃO DA CLASSE: FACILIDADE OU NECESSIDADE?

Quando trata-se da prática pedagógica que se desenvolve nas escola da zona rural, é preciso entender que esse processo de ensino/aprendizagem se constituirá em um meio diverso que há várias vivências e experiências na sua diversidade, principalmente em um ambiente isolado da cidade.

É preciso compreender também, que a educação se estabelece não só nos ambientes escolares; mas, no contexto familiar, na relação humana das pessoas que vivem num mesmo contexto, no trabalho, nos atos religiosos, nos eventos esportivos e onde o aluno estiver aceso. Assim, “a educação do campo é maior que a escola, pois está presente no movimento e na organização do povo. Embora, a escolarização seja importante, ela é apenas um dos tempos e espaços da formação humana, não é toda a educação” (CONTAG, s/d, p.7)

Diante disto, ao se tratar em educação do campo, focando mais especificamente as escolas rurais multisseriadas; e os desafios que os sujeitos rurais enfrentam para assegurar o seu direito à escolarização nas pequenas comunidades onde vivem, trabalham e produzem a sua existência, é preciso rever tudo o que precisa- se fazer para acontecer a aprendizagem .

Tem-se identificado características da dinâmica das escolas rurais multisseriadas, onde percebe- se que o quadro dramático de precariedade e abandono em que as escolas se encontram; e ao mesmo tempo, as possibilidades de atuação e de gestão dos processos educacionais construídas pelos professores, evidenciando situações criativas que desafiam as condições adversas que configuram a realidade existencial dessas escolas. Uma situação que precisa ser revista. Os professores, profissionais da educação, tem suas limitações que Ferri (1994) destaca como desafios:

- 1) A compartimentalização, a divisão em partes cada vez menores, cada vez mais específicas para serem mais bem analisadas é o pressuposto que norteia a divisão dos alunos, das tarefas, dos conteúdos, do conhecimento. 2) A organização escolar das classes multisseriadas – igual a outras organizações escolares – submete-se a uma determinada estrutura e funcionamento. (FERRI, 1994, p. 70-73).

Assim, a educação rural está caminhando, com um conjunto de particularidades que afetam as condições de trabalho dos professores com dificuldades para gestão dos processos pedagógicos nestas escolas multisseriadas, as quais fortalecem o descrédito que se atribui a elas, quanto a assegurarem uma ação educativa de qualidade.

Com uma infraestrutura comprometida e em situações de descaso, somente com a finalidade de existir, as escolas multisseriadas encontram-se localizadas nas pequenas comunidades rurais, muito afastadas das sedes dos municípios, onde a população atendida não atinge o que é definido pelas secretarias de educação para formar uma turma por série. São escolas que não possuem prédio próprio e funcionam na casa de um morador do lugar ou em salões de festas, barracões, igrejas, ou outro ambiente que nada tem a ver com a educação.

Estas, ainda possuem infraestrutura precária e funcionam em prédios muito pequenos, construídos de forma inadequada; muitas vezes sem ventilação, iluminação, cobertura, piso e banheiro e quando tem, se encontram em péssimo estado de conservação, com goteiras, remendos e improvisos, causando risco aos estudantes e professores. Grande parte delas possui somente uma sala de aula, onde se realizam as atividades da escola e da comunidade em conjunto.

As escolas do campo, precisam ser revistas, para que proporcionem uma educação de qualidade, que supere às expectativas de quem precisa da educação e busca através desta, um futuro promissor.

Trabalhar, inovar e ousar implementar a educação, numa perspectiva inclusiva, não é missão impossível. É, sim, um desafio superável. É uma questão de pensar e mudar. Querer “pensar e construir” uma escola que inspire e promova a troca entre os alunos, que confronte formas desiguais de pensamento e de estilo de vida, busque metodologias interativas e faça, do reconhecimento e da convivência com as diversidades, estratégias e alternativas para uma nova aprendizagem, voltada para o educando. Uma escola, enfim, que reconheça as diferenças e, respeitando-as, possa conviver com elas (CAPUTO e GUIMARÃES, 2003: p. 149)

Como afirma os autores acima, programar a educação pode ser possível sim, mesmo tendo dificuldades. Utilizar metodologias para as aulas se tornarem mais atrativas também tem possibilidades, para que o aluno chegue ao

conhecimento. Pode ser através de Currículo, que trabalhe a realidade do campo; pois, trabalhar com muitas séries ao mesmo tempo e faixas etárias, interesse e nível de aprendizagem muito variado dos estudantes, impõe dificuldades aos professores para realizar o planejamento e isso é mais que um desafio.

Nessa situação, os docentes que já estão em um contexto difícil, acabam sendo obrigados a utilizar os livros didáticos que circulam nessas escolas, muitas vezes antigos e ultrapassados, como a única fonte para a seleção e organização dos conhecimentos utilizados na formação dos estudantes, sem atentar para as implicações curriculares resultantes dessa atitude, uma vez que esses impõem a definição de um currículo que não se relaciona com a realidade, a vida e a cultura das populações do campo, provocando mais dificuldades ainda.

Ao abordar-se a questão de classes multisseriadas, faz-se necessário rever o fracasso escolar que é um desafio a ser superado e a defasagem idade-série elevados que constitui uma dificuldade em relação às condições de ensino e aprendizagem; pois, os estudantes e professores enfrentam muitas situações adversas, como longas distâncias percorridas pelos estudantes e até mesmo pelos docentes, para chegar à escola. “A precariedade dos transportes leva os alunos a acordarem muito cedo para ir à escola, o que contribui para o abandono dos estudos. E isso é um dos fatores que implicam na média de escolaridade inferior dos alunos do campo”. (BRASIL, 2007a).

São muitos os desafios, a começar pela distância que pode durar várias horas diariamente, caminhando por ramais e vicinais pouco pavimentadas, utilizando canoas, bicicleta, motocicleta, casco, rabeta, barco, caminhão, ônibus; muitas vezes sem condições de uso e até superlotados com estes alunos com suas peculiaridades; até pela oferta irregular da merenda, que quando não está disponível, desestimula bastante os estudantes a frequentar a escola, já que esta, muitas vezes torna-se uma refeição segura e por vezes única.

Também deve ser considerado um desafio, a falta de acompanhamento pedagógico das Secretarias de Educação, onde os professores, pais e demais comunitários envolvidos com as escolas sentem necessidade de uma assistência adequadas para quem vive e estuda no campo e afirmam ser estas discriminadas em relação às escolas urbanas, que têm prioridade absoluta em relação ao acompanhamento pedagógico e à formação dos docentes e tudo o que precisa-se para uma educação de qualidade.

Todas estas dificuldades devem estar vinculadas a um número grande número de escolas dispersas com um número menor de estudantes que levam à política de nucleação dessas escolas vinculada ao transporte escolar, resultando no fechamento das escolas nas pequenas comunidades rurais e transferência dos estudantes para as comunidades rurais mais populosas, unindo-se alunos de várias comunidades em salas com séries diferentes, mesmos turnos, mesmos conteúdos e objetivos para todos. Como afirma Sales (2006):

A redução do número de escolas no campo ocorreu devido ao surgimento das escolas nucleares. Esta foi uma alternativa encontrada pelos governantes para a eliminação das classes multisseriadas, que atendiam alunos de diversas faixas etárias em um mesmo ambiente. A nucleação consiste em agrupar várias escolas isoladas em único prédio central escolhido entre as comunidades rurais. (SALES, 2006, p. 113)

A educação no campo, mesmo com seus desafios e dificuldades, promoveu transformações mais eficientes e peculiares de quem vive na zona rural e ainda, como se espera que esta promova para todos uma compreensão adequada ao modelo social, valorizando a cultura de quem vive distante das cidades.

Portanto, a educação deve ser trabalhada na comunidade e na escola atendendo a todos e todas na mesma perspectiva de conhecimento para o desenvolvimento intelectual. Assim, ela é questionadora e fornece às pessoas o que necessitam para continuarem e transformar a realidade em que vivem, de forma digna e prazerosa. Todo cidadão merece, independente do contexto onde esteja inserido.

1.4 PERFIL EDUCACIONAL DO ALUNO DO CAMPO

Para compreender-se o perfil do aluno do campo, é preciso identifica-lo através do contexto em que este encontra-se envolvido com a vida no campo, nas mais variadas práticas estabelecidas em meios familiares, nos movimentos sociais e educativos que integram a articulação por uma educação rural, a importância da construção de projetos de sociedade direcionados a eles e especialmente integrando aos seus conhecimentos e culturas.

O aluno do campo precisa da educação desenvolvida na zona rural, mesmo com seus desafios e dificuldades, se faz no diálogo entre seus diferentes sujeitos, que são pequenos agricultores, povos indígenas, pescadores, camponeses,

roceiros, quilombolas, entre outros do meio rural que estão ligados a alguma forma de organização popular, pois há diferentes modos de pensar, agir, e diferentes meios de fazer a própria realidade do campo, seus costumes e seus modos de viver.

Fazer parte desse povo; participar de sua memória; participar de seus processos de formação, humanização; identificar-se com seu projeto utópico, com o desafio de formar as pessoas para construí-lo na prática. Ser exemplo dos valores que brotam de suas práticas de resistência, de luta: a solidariedade, o espírito de cooperação, a compaixão (o sentir com o outro), a persistência [...] afirmar e participar do movimento da história sem temer contradições e conflitos. (CALDART, 2002, p. 133)

Conforme a autora é direito de todos, viverem suas vidas em suas comunidades, com seus valores éticos e sociais, com seus modos de agir e de pensar, construindo suas vidas com desafios que esperam e não os que lhes são impostos por algo a que têm direitos.

A educação, principalmente a do campo, que tem suas particularidades, deve estar atenta para os processos produtivos que realizam, tendo um olhar direcionado para o trabalhador do campo, contribuindo para que este venha participar dos debates sobre as alternativas de trabalho, de projetos que lhe seja interessante, com o intuito de desenvolver e devolver a dignidade para as famílias que ali vivem.

A identidade do povo do campo tem como fundamento a luta por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, que seja no campo e para o campo, como uma educação pensada de acordo com suas características e sua participação vinculada à cultura e necessidades humanas e sociais. Segundo Santos (2002, apud MEDEIROS, 2013):

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence; é a base do trabalho, da moradia, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi. Desta forma, quando se fala em território deve-se entender logo que se fala de território usado, utilizada por determinada população. (SANTOS apud MEDEIROS, 2013, p. 174)

Conforme o citado, o território e a população é o chão; assim, tudo o que há e identifica o morador da zona rural, torna-se uma identidade que faz parte de sua existência. Até a luta no campo para uma melhoria de vida, e principalmente da

educação; a batalha constante pelas políticas públicas torna-se a única maneira de universalizar o acesso de povo rural à educação.

Neste sentido, é preciso incluir o debate da educação do campo, ao geral sobre educação e ao de um projeto popular de desenvolvimento da comunidade rural. Esta questão, consiste em pensar a educação com uma concepção de campo significando ter uma visão dos processos e movimentos sociais e aumentar as lutas e os pensamentos e relações à política agrária e a política de educação. E estas, podem tornar-se medidas importantes, se atendidas pelo poder público.

A aprendizagem não é alcançada de forma instantânea nem por domínio de informações técnicas, pelo contrário, requer um processo de aproximações sucessivas e cada vez mais amplas e integradas, de modo que o educando, a partir da reflexão sobre suas experiências e percepções iniciais, observe, reelabore e sistematize seu conhecimento acerca do objeto em estudo. (DAVIANI, 2010: 288)

De acordo com Daviani (2010), a aprendizagem é um processo, que não é alcançada instantaneamente e requer algumas situações que precisam ser integradas e refletidas, a partir da reelaboração e sistematização, já que transmitir conhecimento requer algumas habilidades.

Os professores e os alunos de multisséries também perpassam por questões de desafios e dificuldades, angústias, aflições diárias que requerem habilidades e equilíbrios para serem superadas; independentemente de inverno, verão ou outras questões climáticas, onde estes educandos precisam se locomover, que na maioria das vezes a comunidade fica distante da escola. Assim, é necessário um olhar diferenciado para que estes desafios sejam superados.

Acessibilidade é a facilidade de acesso. Infelizmente chegar até a escola do campo é um grande desafio para seus estudantes e corpo docente devido às dificuldades em função da distância, falta de transporte e estradas inadequadas, dentre outros fatores. Tal fato somente faz aumentar o abismo da qualidade e da aprendizagem entre escolas rurais e urbanas. (HOUAISS, 2005, p. 152)

O direito ao acesso é de todos. Mas, muitos deles andam quilômetros para chegar à escola, e não medem esforços e nem reclamam de todas essas turbulências que passam no decorrer do ano letivo. E sem contar que eles se arriscam, enfrentando perigos, com as estradas, ladeiras e morros sem condições de trafegar e nem tão pouco de favorecer a motivação para irem estudar. .

Diante a tantos obstáculos, observa-se que há muito a ser feito para que a escola do campo possa usufruir de todas essas leis que respaldam a educação, pois estes educandos do setor rural enfrentam dificuldades para se manter na escola; o difícil acesso e a falta de materiais pedagógicos, são fatores que na maioria das vezes dificultam o aluno de frequentar as aulas; e a falta de apoio não influi só no aprendizado do educando, mas também na vida profissional do educador, que sofre juntamente com todos que estão nesta situação.

Estas escolas, se encontram completamente fora da garantia do padrão de qualidade que exige a Constituição Federal de 1988; pois para a escola rural seria necessário uma atenção adequada, onde aluno e professor venha a ter mais incentivo no processo de ensino- aprendizagem; isto é, a escola do campo é muito carente e é preciso que se tenha do poder público administrativo uma visão de mudança ou a construção de um novo campo de estudo que venha suprir a necessidade de educador e educando da área rural, que precisam da educação igual aos que vivem nas zonas urbanas.

Com respaldo no Artigo 208, inciso VII da CF 88, pode se afirmar que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (EC nº14/ 96 e EC nº 53/ 2006 e EC nº 59/ 2009). VII- atendimento ao educando em todas as bases da educação, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação, e assistência a saúde”. Portanto, isso inclui as classes multisseriadas e cabe aos responsáveis legais buscar implantar cursos que venham capacitar professores e valorizar estes profissionais e enviar às escolas rurais, materiais didáticos e pedagógicos que facilite o aprendizado do educando para que seja preparado para a sociedade.

Portanto, precisa- se desenvolver nas escolas, programas de incentivo aos alunos e famílias que vivem em contextos diferentes e esquecido pelo poder público, ofertar transportes adequados para que essas crianças possam chegar com segurança ao local de estudo, sem esquecer que o professor também é um agente educacional que vive este dilema nas zonas rurais. Estas, são simples providências que se tomadas pode fazer toda a diferença para as escolas e alunos do campo, que estudam em escolas com várias séries ao mesmo tempo, formando uma só turma e que mesmo assim, faz a diferença.

2 A ESCOLA COM CLASSES MULTISSERIADAS: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES.

2.1 ESTRUTURA DA ESCOLA PARA MULTISSÉRIES.

A escola no localizada no campo, traz muitos desafios. Trabalhar como professor nestas instituições é preciso percorrer muitos quilômetros e enfrentar outros obstáculos como lama, chuva, estradas em péssimas condições (acidentes de moto), cansaço, fadiga e desânimo e a desmotivação que chega com tudo isso.

Estes fatores associados a outros mencionados influenciam para que professores escolham lecionar em escolas urbanas, aumentando assim a rotatividade desses profissionais nas escolas do campo, o que não é bom e nem proveitoso.

O trabalho desenvolvido em grupo, que se junta ao sentimento de pertencer ao contexto educativo, é um dos fatores constituintes do êxito das atividades educativas da educação do campo e também, pode-se dizer, enquanto movimento social a reconstrução social desse espaço pelos seus sujeitos, fato que antecede a prática educativa formal, além de ser singular aos olhos de quem o vê.

Esta visão do campo como um espaço que tem suas particularidades e que é ao mesmo tempo um campo de possibilidades de relação dos seres humanos com a produção das condições de existência social confere à Educação do Campo o papel de fomentar reflexões que acumulem força e espaço no sentido de contribuir na desconstrução do imaginário coletivo sobre a visão hierárquica que há entre campo e cidade; sobre a visão tradicional do jeca tatu, do campo como lugar do atraso. A Educação do Campo, indissocia-se da reflexão sobre um novo modelo de desenvolvimento e o papel para o campo nele. (FERNANDES, MOLINA, 2005, p. 68)

A escola tem um papel fundamental na construção de uma educação popular pautada em uma prática social, nos valores e princípios dos próprios sujeitos participantes do processo educacional e requer algumas reflexões em relação à sua existência e o seu fazer naquele ambiente

Assim, a escola, enquanto instituição de construção do conhecimento, não é apenas um espaço físico de reprodução de um saber

pedagógico, e sim, deve ser um ambiente de interação e troca dinâmica e contínua de experiências, de um trabalho coletivo da transformação da história e da cultura daquele aluno que é qualificado de interiorano, de rural e por conta destas visões, precisa-se de um novo modelo de formação escolar que atenda a demanda.

Além de não estabelecer vínculos com a comunidade circunvizinha da escola a referida rotatividade faz com que professores contratados assumam as classes do campo, ou “são destinados para lecionar nessas turmas professores que são considerados “inaptos” para atuar nas turmas das escolas da zona urbana ou muitas vezes por “vingança” e perseguição “política”. (SANTOS, 2010).

Os saberes docentes dos professores de classes multisseriadas construídos cotidianamente nas suas salas de aulas, as suas histórias de vida, etc. – merecem ser melhor investigadas para que se produza e sistematize um conhecimento acadêmico capaz de influenciar na formulação e desenvolvimento de políticas públicas (de formação de professores, de reformulação curricular, de produção de materiais didáticos, etc) que acolham, incentivem e aperfeiçoe o trabalho desenvolvido nas classes multisseriadas. (SANTOS, 2011, p. 13)

Diante disto, nas classes multisseriadas, a educação do campo precisa ser dinamizada; pois, o material utilizado para ministrar a aula ainda é composto por pincel, quadro magnético, que foram substituídos pelo giz, quadro negro e o livro didático; com a metodologia de ensino adotada pelos professores com a leitura e folhas com textos.

Assim, como dinamismo, a resolução de questões sobre a temática trabalhada em algumas explicações superficiais sobre o conteúdo contido no livro, deixou para um espaço melhor e diferente, onde trabalha-se a criatividade dos alunos, já que são de faixas etárias diferentes.

No que condiz à relação professor com o aluno, percebe-se que a desorganização do espaço na sala de aula influencia na didática do professor, que não possui muitos meios para lecionar e a indisponibilidade de materiais de apoio que a escola dispõe, são poucos ou quase nada, além do básico. São educadores que apostam que podem contribuir com a formação de sujeitos que vivem uma realidade diferente. São aqueles profissionais da educação destacados para

enfrentar uma realidade inusitada, muitas vezes, para somente a escola funcionar de qualquer maneira, sem recurso algum, desenvolvida de qualquer maneira.

Além de não estabelecer vínculos com a comunidade circunvizinha da escola a referida rotatividade faz com que professores contratados assumam as classes do campo, ou “são destinados para lecionar nessas turmas professores que são considerados “inaptos” para atuar nas turmas das escolas da zona urbana ou muitas vezes por “vingança” e perseguição “política”. (SANTOS, 2010).

Esta é a realidade das escolas do campo, que precisam de uma atenção por parte dos apoderes públicos, que não se fazem presentes para solucionar os desafios e as dificuldades existentes neste contexto.

Em relação aos alunos, estes sentem falta de material didático diferenciado, que faça a diferença e que chamem a atenção; pois, consideram que as aulas do professor seriam mais interessantes se ele utilizasse coisas ou metodologias diferenciadas, que fossem coisas novas para eles que precisam de novidades.

Além dessa deficiência quanto ao domínio da matéria e o uso de recursos didáticos, a estrutura da sala de aula também é um fator que limita o desenvolvimento de uma boa metodologia da parte do professor. Primeiramente, o espaço reduzido não permite que todos possam se locomover em sala, permanecendo durante toda a aula parados em frente ao quadro, enquanto estavam dispostos muito próximos uns dos outros, não se concentravam no conteúdo passado, fato este que influencia totalmente na disciplina escolar, a infraestrutura está deficiente; pois segundo (SATYRO E SOARES, 2007).

Afeta diretamente a qualidade da educação. Prédios e instalações inadequadas, a inexistência de bibliotecas, espaços esportivos e laboratórios, a falta de acesso a livros didáticos, materiais de leitura, a relação inadequada ao tamanho da sala de aula e o número de alunos, são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos. (SATYRO e SANTOS, 2007, p. 07)

Vale ressaltar que, apesar de tantas dificuldades, os docentes das turmas multisseriadas, ainda devem articular a sua prática docente com a formação de grupos, para assim, trabalhar o currículo escolar. Tendo em vista que, a heterogeneidade existente nas salas, é capaz de promover a cooperação dos sujeitos a fim de alcançar aprendizagens consideravelmente significativas e assim, a aprendizagem.

A educação com classes multisseriadas, também se identifica pela valorização da tarefa específica dos educadores. Sabe-se que em muitos lugares eles têm sido sujeitos importantes da resistência social no campo, especialmente nas escolas, e que têm estado à frente de muitas lutas pelo direito à educação.

O ato de educar, têm construído um conceito mais alargado de educador. Compreende-se que educadora é aquela pessoa cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja ela na escola, na família, na comunidade, no movimento social, seja educando as crianças, os jovens, os adultos ou os idosos; ou seja, que seja seres humanos.

Nesta perspectiva, todos são de alguma forma educadores; mas isto não tira a especificidade desta tarefa: nem todos têm como trabalho principal educar pessoas e conhecer a complexidade dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano, em suas diferentes gerações, que mudam constantemente, especialmente na atualidade. Assim,

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence; é a base do trabalho, da moradia, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi. Desta forma, quando se fala em território deve-se entender logo que se fala de território usado, utilizada por determinada população. (SANTOS, Apud, MEDEIROS, 2013, p. 174)

O território ao qual pertencem alunos e professores, comunitários e viventes, que têm sua cultura vivenciada, assume um caráter de enraizamento a sua própria identidade, quando percebe-se que o âmbito escolar torna-se um espaço oportuno e satisfatório às suas aprendizagens e conhecimentos; e especialmente o compartilhamento de saberes, pois destacam como ponto positivo da escola a educação e o desempenho dos professores em ensiná-los e eles por haver concebido conhecimentos.

Ao referir-se à diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença, vale possibilitar a definição de diretrizes operacionais para educação do campo, sem, no entanto, romper com o projeto global de educação para o país, que deve ser respeitado.

As diretrizes operacionais da educação básica das escolas do campo, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (2001), representam um marco para educação do campo; pois, refletem preocupações conceituais presentes,

reivindicações dos movimentos sociais, dentre elas o reconhecimento e a valorização da diversidade dos povos do campo, a formação diferenciada dos professores, a possibilidade de diferentes maneiras de organização da escola, adequação dos conteúdos uso de práticas pedagógicas contextualizadas. Conforme denomina as DCEs (2001):

É evidente a necessidade de uma política que valorize os profissionais da educação no campo. É oportuno destacar as necessidades de ações efetivas focadas na expansão do quadro, na formação profissional adequada e na formação continuada, considerando projetos pedagógicos específicos e melhoria salarial que estimule a permanência de profissionais qualificados em sala de aula nas escolas rurais. A política de identidade do campo precisa compreender que a cidade não é superior ao campo, e, a partir dessa compreensão, introduzir novas relações baseadas na solidariedade entre campo e cidade e nas formas de poder de produção econômica de gestão política e do cognitivo. O campo é um espaço rico e diverso, tendo produto e produtor de cultura. Essa capacidade que produz cultura, que o constitui um espaço criativo, e não simplesmente um espaço de produção econômica, o campo é, em primeiro lugar, espaço da cultura. DCEs (2001, p. 28):

Apesar de todas as características diversas que caracterizam o contexto educacional do campo, com suas riquezas culturais e diferenciadas, as dificuldades de locomoção devido à distância da unidade escolar e, normalmente, por estarem cercadas de vias de difícil acesso, provocam também uma expectativa negativa no aluno.

Assim, quando há a necessidade de se comparar com os estudantes dos centros urbanos, que recebem as mesmas diretrizes, orientações, currículos específicos, estes sentem que suas dificuldades são muito maiores e que não terão recompensa pelos esforços feitos se continuarem frequentando a escola. De acordo com estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP (2007, p. 18), as principais dificuldades encontradas na educação do campo são constituídas por:

Insuficiência e precariedade das instalações físicas das escolas do campo; dificuldades de acesso de professores e alunos às escolas, em função da falta de sistemas adequados do transporte escolar; falta de professores habilitados e efetivados, [...] com currículos inadequados que privilegiem uma visão urbana de educação e desenvolvimento; ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas rurais; falta de atualização das propostas pedagógicas da escola rural; necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas e implementação do calendário escolar adequado às necessidades do meio rural. (INEP, 2007, p. 18)

Mesmo com todas as dificuldades descritas acima, a educação do campo nasceu colada ao trabalho e à cultura do campo e não pode perder isso em seu projeto pedagógico, onde se faz necessário lutar por uma educação de qualidade mesmo com suas diferenças e peculiaridades.

O trabalho forma e produz o ser humano: a educação do campo precisa recuperar uma tradição pedagógica de valorização do trabalho como princípio educativo, do vínculo entre educação e processos produtivos e de discussão sobre as diferentes dimensões e métodos de formação do trabalhador, de educação profissional, cotejando esse acúmulo de teorias e de práticas com a experiência específica de trabalho e de educação dos camponeses, que também precisam do espaço escolar para a educação formal.

Planejar o projeto da educação do campo, precisa estar atento para os processos produtivos que conformam o ser trabalhador do campo e participar do debate sobre as alternativas de trabalho e opções de projetos de desenvolvimento locais e regionais que possam devolver dignidade para as famílias e as comunidades camponesas. Isso significa pensar a pedagogia sob um ponto de vista mais amplo, como processo de humanização-desumanização dos sujeitos, e pensar como estes processos podem e devem ser trabalhados nos diferentes espaços educativos do campo.

Portanto, a educação não pode ter os mesmos moldes e os mesmos requisitos disciplinares em todos os lugares e culturas, para todas os povos e criaturas. É preciso respeitar o fator sociocultural e o ambiente em que a escola esta inserida, como também a vida e os costumes de quem espera por essa educação, que deve acontecer com toda propriedades, de forma conjugada e eficaz.

2.2- O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CLASSES MULTISSERIADAS.

Torna-se evidente que o papel da escola está, além do ensino das matérias tradicionais, para que a educação seja na realidade, integral. E para que possa-se entender esse aspecto que perpassa o ensino das matérias é preciso compreender que tipo de proposta metodologia está sendo desenvolvida qual a concepção de educação gerida pelo docente que é o agente educacional.

Diante desta perspectiva, a prática pedagógica deve compreender que a educação é um processo histórico e social, dando sentido a todo tipo relação que emerge do contexto social e educacional, a partir da interação estabelecida pelos sujeitos, nos momento e espaço.

Diante disto, tem-se o entendimento que as relações que se estabelecem no meio em que o aluno está inserido, propiciará no seu desenvolvimento, na sua aprendizagem. É a interação contribuindo para a aprendizagem humana, já que o homem é um ser estritamente natural.

Nesta situação, quando trata-se de processo educacional, o fazer pedagógico recebe destaque; pois, é nesse contexto que se estabelece a relação complexa do ensinar e aprender, como afirma Zabala (1998, p.15) que “os efeitos educativos dependem da interação complexa de todos os fatores que inter-relacionam nas situações de ensino: tipo de atividades metodológicas, aspectos materiais da situação, estilo do professor, relações sociais, conteúdos culturais, etc.”. Desta forma, constitui toda a complexidade que a educação precisa para acontecer.

Assim, torna-se de fundamental importância refletir o papel do professor, tendo em vista que a partir da sua concepção de mundo o mesmo pode desenvolver atividades que forme cidadãos emancipados, com conhecimentos diversificados ou até mesmo interferir sobre algo relativo à identidade de um povo.

Estas são questões que geram situações que exigem reflexão quanto à postura e a prática pedagógica a ser desencadeada pelo professor, das estratégias eficazes e apropriadas ao utilizar-se a teoria e a prática, especialmente para a educação com classes organizadas com multisséries.

Uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõem a teoria-prática, e é essencialmente nosso dever como educadores a busca de condições necessárias à realização. (VEIGA, 1989, p.16)

Diante das questões sociais que circundam o meio escolar tornando essencial relacionar questões teóricas com as práticas, sem a necessidade de utilizar caminhos distintos. Estas não podem separar-se. Muitas vezes são feitas comparações entre elas, no que se refere a atuação pedagógica, por vezes

separando uma da outra como polos apostos, desconsiderando uma e privilegiando a outra ou as unificando com os mesmos objetivos e finalidades. Precisa-se trabalhar de forma unificada, para que os conhecimentos realmente sejam concebidos.

Nesse sentido, é importante afirmar que toda ação pedagógica requer uma reflexão sobre a construção do saber, na medida em que compreender o ato de ensinar não constitui em uma transferência de conhecimento; mas que a construção de práticas educativas em escolas do campo deve se basear em diferentes iniciativas que vise uma melhor qualidade de vida, abordando o mundo do trabalho, buscando sempre elevar a auto-estima de ser agricultor ou agricultora, ou mesmo aquele tipo de sujeito que tem sua vida de forma diferente da região urbana. Assim, as metodologias podem ser variadas, a partir do que se tem em mãos.

Deve ser adequada a realidade do campo, resgatando os materiais disponíveis no meio ambiente, conhecimentos que os pais, os estudantes, os técnicos, as lideranças da comunidade possuem sobre as diferentes temáticas a serem trabalhadas. Nesse processo o professorado não é o único a ter conhecimento, embora tenha papel fundamental na aprendizagem. (CONTAG, s/d. p. 09)

A partir desta condição, a maior dificuldade apresentada pelo professor das turmas multisseriadas tende a ser atendimento a todos os alunos; pois, o marco dessas turmas é a heterogeneidade, em todos os sentidos; até mesmo na forma de vida familiar. É certo que não existem turmas homogêneas, no entanto, só o fato de haver alunos de várias idades dificulta ainda mais a prática docente; e é onde começa a diferença.

Também vale ressaltar a falta de recursos didáticos, visto que, as escolas rurais estão situadas em lugares distantes e acabam em sua grande maioria esquecidas pelas políticas públicas. O professor, diante disso, precisa criar muitas estratégias para oferecer o mínimo de condição que atenda a todos os alunos, mesmo com todas as especificidades.

Nas escolas com classes multisseriadas, a unificação e adaptação curricular, é uma forma de atender a todos, tornando mais eficaz a educação e o atendimento para todos os alunos, mesmo com toda riqueza de suas vivências e manifestações, que constituem experiências adquiridas, com tendência a continuar por toda a vida.

Essa metodologia resgata a riqueza das experiências que vem se desenvolvendo no campo, que utilizando diferentes procedimentos (aulas na roça, excursões, entrevistas, reuniões, dramatizações, observações, etc); recursos (enciclopédias, livros, jornais, revistas, vídeos; a própria natureza: rios, campos, serras, etc) e espaços (a comunidade, florestas, cerrado, roça, engenhos, casas de farinha, posto de saúde, monumentos históricos, praças, órgãos públicos, etc), vão construindo uma prática pedagógica inovadora e adequada á realidade do campo. (CONTAG, s/d, p.13)

Faz- se necessário compreender a identidade, a realidade e os sujeitos pertencentes ao campo, como seu contexto sociocultural, na sua complexidade e perceber a comunidade, seus estudantes, no espaço da escola, bem como os que permeiam esta, nas suas semelhanças e diferenças, para assim, utilizar- se de metodologias adequadas e motivadoras para a aprendizagem.

Nas classes multisseriadas, muitos professores e coordenadores se sentem desorientados sem saber como proceder frente as especificidades da educação do campo e assim também como elaborar e desenvolver uma proposta educacional que atenda as necessidades das series/anos que compõem estas classes.

A educação do campo é construída a partir das demandas e das experiências dos sujeitos que vivem no campo. Ela questiona a ausência de políticas educacionais para os povos do interior, o modelo de uma educação empobrecida, inferiorizada, destituída dos saberes do trabalho, da cultura e do contexto de onde vivem com suas realidades.

Portanto, perceber o contexto em que estes estudantes estão inseridos torna-se significativo no momento em que compreende- se a sociedade em que estes estão alicerçados, pois são parte integrante de uma comunidade, de modo que é necessário perceber o todo para entender- se como funciona.

Professores são sujeitos da educação do campo, que se identifica pela valorização da tarefa específica de quem educa. Sabe-se que em muitos lugares eles têm sido sujeitos importantes na luta pela educação do campo, especialmente nas escolas. Que tem estado à frente em muitas lutas pelo direito à educação; por isso, durante essa trajetória foi construído um conceito mais abrangente de educador ou professor, que é tão necessário quanto o aluno..

Diante disto, vê- se a prática educativa não só com conteúdos sistematizados, mas a ação pedagógica, revigorando a prática da aptidão, como explica Freire (2005):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2005, p. 46)

Assim, para que a escola do campo seja emancipada e possa ter sua identidade reconhecida e assumida no trabalho pedagógico escolar, coloca-se como fundamental reestruturar os currículos e a formação de professores, fazendo uma análise no currículo escolar, onde possa revelar que o trabalho, a cultura e os saberes do campo geralmente são tratados de forma desfavorável, ultrapassada, inferiorizada, ou ainda, estão ausentes no processo pedagógico.

Por isso, o modelo de currículo historicamente adotado busca impor para a escola do campo a cultura urbana e os saberes produzidos nestes espaços como modelo. É neste sentido que a educação destes alunos tende a acontecer, como sujeitos de políticas e de diversidades e não meros consumidores de ações educativas, de modo que suas experiências, seu contexto, sua cultura, seus conhecimentos e suas demandas sejam tomados como referências para a formulação de outros projetos que façam acontecer o desenvolvimento integral.

A tarefa maior do educador é de contribuir na construção de um novo modelo de desenvolvimento e de ampliar o espaço do campo, nesse modelo se materializara quanto maior for a capacidade de inserir nos debates públicos sobre educação escolar, socializando com conjunto de educadores e educandos do campo e da cidade estas reflexões por uma educação do campo diferenciada. (CALDART, 2002, p. 40).

Portanto, é interessante pensar o educador como aquele que tem o trabalho principal de fazer e de pensar a formação humana, seja ela nas famílias, na escola, na comunidade ou nos movimentos sociais; seja com crianças, jovens ou adultos. Nesta perspectiva, todos são de alguma forma, educadores que conhecem o difícil processo de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano, mesmo suas estratégias ou procedimentos metodológicos diferenciados. E nas instituições do campo, não deve ser diferente.

2.3 ESPECTATIVAS DA EDUCAÇÃO MULTISSERIADA

É fato que a educação no campo surge como expectativa de uma proposta educativa que esteja emaranhada na cultura, tempos e ritmos dos sujeitos do campo em prol de uma sociedade justa que possa ser construída por todos e não imposta por poucos, uma sociedade na qual cidadãos tenham voz e respeito mútuos; vida e culturas próprias e assim, suas vontades, suas expectativas e objetivos.

A educação de quem vive no interior, está diante de um desafio; não mais o desafio de assegurar o direito à educação; porque, os movimentos sociais se encarregam de lutar pelo direito de acesso e permanência de homens e mulheres lavradores à educação, e esse direito é garantido ; mas o desafio de fazer com que a escola abra as portas para o saber do povo do campo, um tipo de saber que historicamente foi negado enquanto saber. “Um saber que agora emerge num sinuoso movimento de fora para dentro e que acaba propondo uma nova dinâmica à escola”. (FREITAS, 2002, p. 03)

A inversão do processo educacional abordado acima traz uma reflexão sobre os “novos” caminhos que vem sendo trilhados para atender as escolas do campo, contestando assim, a prática urbano Cêntrica instituída pela classe burguesa e dominante como modelo educacional a ser seguido por todos, independente do seu contexto social, cultural e econômico. Mas que é preciso fazer acontecer de qualquer maneira.

Por isso, para que a escola assuma a tarefa de fortalecer a autoestima dos seus educandos, além de todo um trabalho ligado à memória, à cultura, aos valores do grupo, é preciso pensar na postura dos educadores e na transformação das didáticas ou do jeito de conduzir as atividades escolares. A escola precisa ajudar a enraizar as pessoas em sua cultura, que pode ser transformada, recriada a partir da interação com outras culturas, mas que precisa ser conservada, porque não é possível fazer formação humana sem trabalhar com raízes e vínculos já solidificados.

A escola precisa trabalhar com a memória do grupo e com suas raízes culturais e isto quer dizer também que se deve ter uma intencionalidade específica na resistência à imposição de padrões culturais diferenciados que tendem a tornar estagnadas as culturas já existentes. Segundo Caldart (2002, p. 56) “Educar é

socializar conhecimentos e também ferramenta de como se produz conhecimentos que afetam a vida das pessoas, em suas diversas dimensões, de identidade e de universalidade”.

Verifica-se que a educação do campo se faz no diálogo entre seus diferentes sujeitos. Os pequenos agricultores, povos indígenas, pescadores, camponeses, roceiros, entre outros tantos personagens desse meio que estão ligados a alguma forma de organização popular; pois, há diferentes modos de pensar, agir, e diferentes meios de fazer a própria realidade do campo. Caldart (2002) afirma que::

Fazer parte desse povo; participar de sua memória; participar de seus processos de formação, humanização; identificar-se com seu projeto utópico, com o desafio de formar as pessoas para construí-lo na prática. Ser exemplo dos valores que brotam de suas práticas de resistência, de luta: a solidariedade, o espírito de cooperação, a compaixão (o sentir com o outro), a persistência [...] afirmar e participar do movimento da história sem temer contradições e conflitos. (CALDAT, 2002, p. 133)

A educação como necessidade humana, recria o campo; porque busca saídas e alternativas para o modelo de desenvolvimento rural atual. Neste aspecto, a educação do campo deve estar vinculada a uma cultura que se constrói por meio de relações medidas pelo trabalho, como produção material e cultural de existência humana. O processo da globalização está mudando a economia, a cultura, a política, a história e a educação.

Ao pensar a educação do futuro, faz-se necessário pensar sobre o processo de globalização da economia das culturas e das comunicações. Fazer com que a justiça aconteça, perante o direito humano, é essencial ao acesso à educação, mas também a possibilidade de utilizar os benefícios provindos dela.

Na era do conhecimento humanizado, tende a surgir também um novo aluno, sujeito de sua formação, motivado para aprender, disciplinado e organizado, mas cidadão do mundo, solidário e curioso. Aprender não é apenas compreender e conceituar; mas é querer compartilhar no dar sentido, expressar-se e viver. O fundamento da identidade do povo do campo é a luta por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, que seja no campo e para o campo, como uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação vinculada à cultura e necessidades humanas e sociais, que ainda constitui um grande desafio.

Nas Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo. No seu artigo 2º Parágrafo único, aponta os elementos que definem a identidade da educação e da escola do campo que, por sua vez, anota também sua especificidade.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2001)

A formação educativa do campo precisa incluir em seu projeto pedagógico uma reflexão cuidadosa e mais profunda sobre como acontecem na escola, os processos de socialização, sua relação com os processos de conservação e de criação de culturas e com a formação dos novos sujeitos sociais do campo. É importante ainda esse repensar sobre o projeto pedagógico e que outros processos de socialização estão formando as novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras, e que traços podem ser melhorados, pela intencionalidade pedagógica, com a perspectiva de um novo projeto de desenvolvimento.

À escola cabe ajudar na reflexão coletiva sobre esses saberes, relacionando-os entre si e potencializando-os nos processos de socialização dos educandos, de construção de sua visão de mundo e de suas identidades, em seu processo mais amplo de humanização ou de formação humana. Entende-se que a educação do campo deve incluir em seu debate político e pedagógico a questão de que saberes são mais necessários aos sujeitos do campo e podem contribuir na preservação e na transformação de processos culturais, de relações de trabalho, de relações de gênero, de relações entre gerações no campo e de que saberes podem ajudar a construir novas relações entre campo e cidade, numa concepção de consciência humana e intercultural.

Faz-se necessário discutir sobre como e onde estão sendo produzidos esses diferentes saberes, qual a tarefa específica da escola em relação a cada um deles e, também, que saberes especificamente escolares podem ajudar na sua produção e apropriação cultural, que possa enriquecer seus conhecimentos, ao serem conectados. Caldart (2002), enfatiza que:

Construir a educação do campo significa formar educadores para atuação em diferentes espaços educativos. Na medida em que se defende uma formação específica é porque se entende que boa parte deste ideário que se está construindo é algo novo em nossa própria cultura. Há uma nova identidade de educador a ser cultivada, ao mesmo tempo em que há uma tradição pedagógica e um acúmulo de conhecimentos sobre a arte de educar que precisam ser recuperados e trabalhados desde esta intencionalidade educativa da educação do campo. (CALDART, 2002, p. 35-36)

Neste sentido, a educação do campo também se identifica pela valorização da tarefa específica dos educadores. Sabe-se que em muitos lugares eles têm sido sujeitos importantes da resistência social no campo, especialmente nas escolas, e que têm estado à frente de muitas lutas pelo direito à educação e têm construído um conceito mais alargado de educador.

Compreende-se que educadora é aquela pessoa cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja ela na escola, na família, na comunidade, no movimento social, seja educando as crianças, os jovens, os adultos ou os idosos.

Enfim, todos inseridos no contexto educacional. de alguma forma educadores, mas isto não tira a especificidade desta tarefa: nem todos temos como trabalho principal educar pessoas e conhecer a complexidade dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano, em suas diferentes gerações.

2.4 ESCOLA MULTISSERIADA: UM JEITO DIFERENTE DE EDUCAR

As escolas do interior, com suas peculiaridades, exigem o desenvolvimento do sujeito, enquanto cidadãos. São formadas com séries em conjunto, tem esta especificidade; mas não significa um desenvolvimento diferente da educação urbana. Mesmo com dificuldades e desafios que devem ser superados, ela pode sim, fazer a diferença.

Assim, compreende-se que este é um aprendizado humano essencial; e olhar no espelho do que é o que se quer ser, assumir identidades pessoais e sociais, ter orgulho delas, ao mesmo tempo em que se desafiar no movimento de sua permanente construção e reconstrução. Educar é ajudar a construir e a fortalecer identidades, desenhar rostos, formar sujeitos. E isto tem a ver com valores, modo de vida, memória, cultura.

As identidades se formam nos processos sociais. O papel da escola será tanto mais significativo se ela estiver em sintonia com os processos sociais vivenciados pelos seus educandos e educadores, e se ela mesma consegue constituir um processo social, cumprindo a tarefa da socialização capaz de ajudar a construir e fortalecer identidades. Carlos (2007) afirma que:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. “No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social”. (CARLOS, 2007, p.22).

Pensar a educação do campo, busca refletir e construir uma proposta educacional direcionada especificamente às camadas populares que residem no espaço rural, constituindo metodologias que visam à valorização e o reconhecimento da vida no campo, valorizando as identidades culturais, e principalmente destacando a importância deste lugar para o contexto global, localizado em ambientes diferentes.

Portanto, para desenvolver a educação em classes mutisseriadas, o docente precisa ter uma relação de diálogo e acima de tudo amar o que faz, com um jeito diferente onde quer que se encontre. Assim, os alunos sentem-se valorizados e capazes de continuar seus estudos e chegarem aos objetivos traçados através da escola.

A capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais, nesta época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si e as demais (ZABALA, 1998, p.28).

De acordo com a capacidade do sujeito ruralista de relacionar-se mesmo com as diferenças, o campo precisa ser reconhecido como um lugar específico e com pessoas que lhes são próprias; é preciso olhar como um lugar de seres humanos, sujeitos sociais, olhar para a infância, juventude e idosos do campo, compreender que, no campo, existem diferentes pessoas com diferentes identidades, compreender que estes diferentes grupos humanos também têm história, cultura e identidade, todos têm direitos sociais que devem ser respeitados e atendidos, através da educação, especialmente. .

Constitui uma educação do campo não cabe em uma escola, mas a luta pela escola e compreender o lugar desta na educação é preciso ser humano, precisa-se ajudar a formar e contribuir com a formação dos novos sujeitos sociais que se constituem neste ambiente. A escola precisa cumprir a sua vocação universal de ajudar no processo de humanização, com as tarefas específicas que pode assumir nesta perspectiva.

Ao mesmo tempo é chamada a estar atenta à particularidade dos processos sociais do seu tempo histórico e ajudar na formação das novas gerações de trabalhadores e de seres sociais. E isto, está nas mãos dos professores, sujeitos conhecedores e didáticos, qualificados para exercer e desenvolver a educação.

Docente bem-sucedido é aquele que professor que articula as dimensões técnica, política, ética e estética na atividade docente. Ser competente não significa apenas dominar os conceitos de sua disciplina, ser criativo e comprometido, é necessário que reflita criticamente sobre valor do que, para que, por que e para quem ensinar, visando à inserção criativa na sociedade, a construção do bem-estar coletivo e direcionar sua ação para uma vida digna e solidária. (MENDES, 2008, p.04)

Diante disto, é a escola que precisa ser vista como um espaço de socialização, através do professor, com a socialização através das relações sociais. Entretanto, é preciso compreender que o principal componente curricular da escola é que a experiência cultural de escola e está pedagogicamente atrelada à tentativa de transformar determinadas relações sociais em conteúdo discursivo de sala de aula.

Afinal, faz-se necessário entender e construir uma educação no campo em que contemple os sujeitos deste campo em seu espaço de vida, cultura e relações sociais, essa educação deve reproduzir os interesses e necessidades dos sujeitos que vivem nestas localidades. Mas sem deixar de expressar e mencionar também, valores do meio urbano; compreender então que o ensino do campo deve voltar-se para este ambiente que se faz peculiar, composto por uma sociedade de relações sociais específicas, com suas diferentes identidades, como expectativa de futuro, intermediada pelos profissionais que desafiam as dificuldades e na superação, fazem a educação acontecer.

3 DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM CLASSES MULTISSERIADAS: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “DA PAZ”, COMUNIDADE TRAIRINHA, MUNICÍPIO DE AVEIRO-PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A EMEF Da Paz, está situada na comunidade Nova Aliança, na região de zona rural do município de Aveiro. Mantida pela SEMED, funciona com as modalidades de Educação infantil e Fundamental do primeiro ao quarto ao nono ano, no turno vespertino, sendo o horário matutino reservado para o funcionamento da secretaria da escola polo.

Existe desde 1993, mas foi inaugurada apenas em 2009, está estruturada com uma sala para a direção e secretaria, uma cozinha, uma dispensa, um banheiro feminino e um masculino, uma sala de aula para a educação infantil e três salas de aulas para as demais turmas, uma horta por enquanto desativada, uma biblioteca, sala de professores e uma área coberta que funciona como auditório. Não possui rede de esgoto.

A escola possui materiais permanentes adquiridos através de recursos do FNDE/MEC, PENAE e PDDE. OS recursos humanos são os alunos, a gestora, professores, coordenação pedagógica, conselho escolar e auxiliares, colaboradores da educação. Funciona atualmente como anexo a EMEF Maria da Silva Nunes em Brasília Legal, distrito ribeirinho do município de Aveiro- Pará.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, foram utilizadas como metodologias a pesquisa bibliográfica, cujos teóricos são específicos: Arroyo (1992), Brasil (2007), Ferreira (2011), Leite (1999), Zabala (1998), dentre outros, que foram relevantes para o embasamento e a discussão. Também ocorreu a pesquisa de campo com a abordagem qualitativa, de caráter investigativo e exploratório para se chegar aos resultados com maior clareza.

Para tanto, foi realizado um estudo de campo, em Outubro de 2018, por meio de entrevistas com aplicação de questionário direcionado aos docentes referente da escola acima especificada. De acordo com LAKATOS e MARCONI (2003) menciona que:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

A soma do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para o seu trabalho. (2003, p.158)

Diante disto, Tanto a investigação bibliográfica quanto a qualitativa, são necessárias para fornecer dados eficazes e indispensáveis para o resultado do trabalho.

Assim, é bom lembrar que para um estudo mais aprofundado sobre a temática em pauta foram selecionados e analisados vários materiais, com o intuito de verificar as questões inerentes aos desafios e dificuldades do trabalho docente na educação do campo, com classes multisseriadas, na escola da zona rural de Aveiro.

Houve a necessidade de realizar-se leituras em livros, artigos e outras obras que embasaram teoricamente, tendo em vista que os desafios dos docentes em classes multisseriadas, especificamente no campo, é um tema de grande relevância; embora pouco visado, já que não há uma atenção especial para esta modalidade que atende aos alunos quem vivem no interior.

As questões que nortearam este trabalho foram: Quais são os desafios de um professor que trabalha com classes mutisseriadas na educação do campo? *A escola proporciona uma estrutura adequada para as turmas com multisséries? Quais metodologias os docentes utilizam para estas classes?

Assim, foi discutido para que se pudesse buscar compreender fatores que proporcionam tais desafios, com coleta e análises de dados com discussões e reflexões que se apresentam como possibilidades de superação dessa questão educacional.

Prosseguindo, após a coleta e análise de dados, foram necessárias algumas sugestões com propostas contribuintes para facilitar os desafios e dificuldades em classes formadas por séries diferentes na referida escola investigada, com a conclusão onde verificou-se as reais dificuldades que consistem em desafios, e referências bibliográficas.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a produção deste trabalho, foi necessária uma pesquisa com docentes da escola. Os professores entrevistados, apenas um do sexo masculino, com 34 anos de idade, graduado em pedagogia; Trabalha há dois anos nesta escola. Mas trabalhou em outra instituição.

Também foram entrevistadas três docentes do sexo feminino, com 28, 40 e 42 anos respectivamente, duas graduadas em Pedagogia e uma em Letras; destas, duas trabalham há dois anos; e uma, apenas um ano na escola investigada. Não trabalharam em outra instituição. Estes docentes, não têm pós-graduação.

3.4 ANÁLISE DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Trabalhar na zona rural, com classes formadas por multisséries, sempre constitui m desafio para os professores, que se disponibilizam para exercer a função de mediador dos conhecimentos, em uma região distante das cidades e que sofre com as consequências em diversas situações.

É evidente a precariedade das condições de trabalho dos professores rurais, embora este profissional seja na realidade, um fator importante na progressão do aprendizado dos alunos na área rural. E, muitas vezes, além de baixa qualificação, é requisitado simplesmente para atender as demandas que o interior precisa, e com salários inferiores aos da zona urbana, ainda enfrentam sobrecarga de trabalho, alta rotatividade e dificuldades de acesso à escola.

Estes fatores, desencadeiam questões que perturbam o trabalho docente e acima de tudo, o aprendizado de quem vive no campo e necessita das escolas para sua escolarização, chegando a deparar-se com situações de desconfortos e até desmotivadores.

Assim, este trabalho vem corroborar tais desafios e dificuldades, que os docentes e envolvidos no contexto educacional do campo em enfrentam, com classes miltisseriadas, tendem a enfrentar. Portanto, a investigação com quatro docentes da escola investigada, consiste em analisar das classes com esta modalidade onde inicia-se com a pergunta sobre as dificuldades de trabalhar no campo.

Quadro 01- Quais são as dificuldades de trabalhar no campo?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	A dificuldade de trabalhar no campo é quando procuramos materiais pedagógicos para realizar uma aula de qualidade para os alunos e não encontramos.
P2	As dificuldades são a falta de apoio, transporte escolar; pois devido o transporte, os alunos faltam muito, também os materiais didáticos não tem, é preciso o professor criar meio para ministrar suas aulas.
P3	A falta de recursos e apoio. Transporte, estrada, a maior dificuldade é a época de chuva.
P4	Falta de materiais pedagógicos. Falta de acesso à escola. Escola que não oferece uma boa estrutura. Essas dificuldades existem e não dá pra viver assim, sem enxergar a todas.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018

De acordo com os entrevistados, as dificuldades de trabalhar o campo, consistem em carências de materiais pedagógicos para a realização de aulas de qualidade; como também a falta de apoio, transporte escolar; estradas estruturadas para o acesso à escola.

Faz-se necessário conhecer a realidade das classes multisseriadas, das escolas do campo, e a partir destas questões, construir um diagnóstico, que possa proporcionar chances de entender como acontece e a partir disto, pensar em desenvolver projetos que venha trazer mais qualidades de ensino e investimento para melhoria dessa abordagem de ensino com suas características. Portanto, não dá pra falar em educação do campo sem compreender os problemas que existem e perduram. É preciso enxergar para que se faça algo para amenizar.

Quadro 02- Quais os desafios do professor que trabalha em escolas com classes multisseriadas?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	O desafio é poder alfabetizar o aluno de maneira correta; ou seja; dando atenção para cada um e mostrar a cada aluno que ele é capaz de realizar uma boa leitura.
P2	Os desafios são: devido o multisseriado, , pois existem alunos bem desenvolvidos e outros não; e precisamos encontrar meios para o aprendizado do aluno.
P3	Envolver alunos de níveis diferentes em um determinado conteúdo. É ter a atenção e todos.
P4	Muitos desafios: alunos que não conseguem alcançar a turma do seu ano. Alunos que não mostram interesse pela disciplina. Outros que reclamam por já ter estudado o mesmo conteúdo.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018

De acordo com os entrevistados, a educação no campo sempre teve grandes desafios, a começar pela maneira correta de alfabetização, com a capacidade de mostrar aos alunos suas capacidades, de forma individual. Há também a disparidade de alunos com conhecimentos diferenciados; onde há a desafios de trabalhar-se um determinado conteúdo e obter a atenção de todos.

Como ressaltam as afirmações acima, são grande desafios a serem trabalhados, a falta de capacidade do aluno, para acompanhar a sua turma e especialmente aqueles que não mostram interesse algum pelas disciplinas ministradas, por já conhecerem os conteúdos.

Desta forma, “essas angustias que sente os professores de multisserie, acabam por interferir no processo de ensino-aprendizagem, e os ditos responsáveis por esse setor de ensino nada fazem para reaver essas necessidades sofridas que perpassa professor e alunos, simplesmente cobra um bom trabalho”. (HAGE, 2006, p. 132). É que as escolas com classes multisseiradas, têm esses perfis de alunos, que devem se trabalhados pelos professores e por aqueles que estão inseridos no contexto..

Portanto, as classes multisseriadas é um grande desafio que leva os educadores a repensar a escola, suas disciplinas, séries, conteúdos e avaliações, pois os educando do campo merecem ser tratados com dignidade e precisam de uma educação de qualidade, ainda ha muito a ser feito para que possa se falar que a Educação do Campo é favorável ao aprendizado do discente. À seguir, a questão que trata de uma classe com multisséries.

Quadro 03- Descreva uma classe multisseriada nesta escola.

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	A classe da pré- escola ao terceiro ano, é uma classe multisseriada, na qual estudam alunos de diferentes idades.
P2	Quarto e quinto anos, alunos com faixa etária bem diferente uma da outra, alguns leem muito bem, outros não conhecem nem as sílabas.
P3	Sexto de sétimo anos, alunos com diferentes níveis de ensino, principalmente em relação à leitura e cálculo.
P4	Classe que funciona com quatro séries diferentes.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018.

Os professores investigados, foram enfáticos, ao serem instigados a descreverem uma classe com multissérie na escola; e afirmaram que a classe da pré- escola ao terceiro ano, com alunos com disparidades de séries e idades.

Há também o quarto e quinto anos, com idades diferentes uma das outras, cujos alunos sabem ler e outros desconhecem as sílabas; existem turmas do sexto de sétimos anos, alunos com diferentes níveis de conhecimentos em relação à leitura e cálculos; e aí são mencionadas, classes com quatro séries diferentes. Assim, “Historicamente, a educação do campo é precarizada” (LEITE, 1999, 37)

Diante da situação, verifica-se a realidade da escola com as turmas formadas por séries diferentes, tendo a necessidade dos professores adaptar conteúdos curriculares e diversificados para atenderem mesmo com todas as dificuldades, a demanda que vive no campo. A próxima pergunta, aborda os perfis dos alunos do campo. E que está precária a ponto de buscar-se uma forma especial de trabalhar esta questão.

Quadro 04- Qual são os perfis dos alunos que estudam em multiséries?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Alunos que estão estudando em classes de níveis diferentes
P2	São bem diferentes, pois tem alunos que são interessados, outros que vão para a escola, só para fugir do trabalho, outro para brincar e aqueles que vão só para perturbar na sala.
P3	São perfis diferentes. Tem aquele aluno interessado que presta atenção e se sobressai na turma. E de outro lado, tem aquele que só quer saber de brincadeiras e com isso acaba se prejudicando no aprendizado.
P4	Alunos que estão em nível diferentes de escolaridades.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018.

Os investigados, expuseram os perfis dos alunos que estudam na escola rural que consistem em alunos que estudam em classes diferentes; que são diferentes, com alunos interessados. Outros que vão para a escola só para fugir do trabalho, há quem frequente a escola por conta das atividades lúdicas que consistem nas brincadeiras e há até quem só perturbe em sala de aula.

Outros professores afirmam que os alunos têm perfis diferentes, com alunos que se sobressaem por prestar a atenção às aulas e alunos com níveis diferentes de aprendizado. “aprender a comer bem, a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes e integrá-los no quadro geral de uma sociedade

justa” (RAPÔSO, 1985)., também são questões que devem ser repassadas nas aulas, principalmente com as diferenças de alunos que integram uma mesma sala de aula.

Portanto, são questões relativas que podem fazer a diferença, em um ambiente que têm seres humanos. Que precisam a educação escolar e que as oportunidades que lhes são oferecidas, é a classe com multissérie. Prosseguindo, a pergunta sobre os tipos de transportes dos alunos do campo.

Quadro 05- Quais os tipos de transportes que os alunos utilizam para chegar à escola?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	O transporte que os alunos utilizam para chegar até à escola é o carro e muitas vezes quanto é necessário utilizam moto.
P2	Os tipo de transportes são, carro D-20. Motocicleta e muitas vezes a pé mesmo.
P3	Carro, moto, mas na maioria das vezes o aluno precisa ir a pé mesmo para não perder aulas; isso, devido as chuvas ou problemas com os transportes que ficam sem condição de viagem,.
P4	Carro que faz o transporte dos alunos e moto, às vezes quando não tem carro.

Fonte: Professores EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/ 2018.

Os entrevistados afirmam que os tipos de transportes utilizados para os alunos e professores chegarem até à escola, é o carro e quando há necessidade, a moto também é utilizada. Quando ocorrem problemas de chuvas na região, a moto é mais usada e por vezes fazem o trajeto a pés, para não perderem aulas, pois muitas vezes as estradas ficam inviáveis.

Os transportes das regiões interioranas, nem sempre são eficazes para os alunos que precisam de segurança e tranquilidade para chegar à escola e assim, estudarem com calma e sem cansaços. De forma precária e de qualquer maneira, são conduções necessárias, que viabilizam a frequência dos alunos nas escolas da zona rural, que utilizam-se para que não percam a oportunidade de estudar e conceber conhecimentos necessária pra sua vida profissional e em sociedade.

Ademais, verifica-se que os transportes para quem estuda e trabalha no campo são variados, com dificuldades e desafios que precisam ser superados; porém, precisa-se de políticas públicas para sanarem todas estas controvérsias que consomem a motivação, o incentivo, a força de vontade e principalmente a determinação de quem precisa estudar e não dispõe de outra alternativa, a não

ser enfrentar de forma resiliente a todos estes percalços. Dando continuidade, a pergunta sobre a contribuição dos pais na educação dos filhos.

Quadro 06- A comunidade contribui com a educação dos filhos? De que forma?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Às vezes sim, às vezes não, pois tem pais que não acompanham os filhos nas atividades escolares e muitos são ocupados nas atividades de casa.
P2	Muito pouco, deixam muito a desejar aqueles que contribuem participam de reuniões , fazem visitas ao professor a sala e ajuda seus filhos nas tarefas escolares.
P3	Muitas vezes a comunidade deixa a desejar no apoio aos alunos. Mas existe sim aqueles pais que se interessam e contribui com o aprendizado dos filhos, indo à escola, se firmando como anda o desempenho do aluno, e ajudando na tarefa de casa.
P4	Às vezes, pois tem pais que não tem uma participação ativa na educação dos filhos e os que participam , contribuem muito no aprendizado e ajuda o professor no bom desempenho das atividades, orientando-os.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018.

Os investigados responderam que nem sempre os pais ajudam, pois muitos não acompanham e outros são ocupados demais com suas atividades. Também, afirmaram que muito pouco participam e fazem visitas aos pais e ajudam seus filhos nas tarefas escolares; e ainda dizem que não têm participação ativa na educação dos filhos e aqueles que participam, contribuem com as atividades e com o desempenho dos filhos. Assim,

A educação nunca se restringiu a escola. Práticas educativas têm ocorrido, ao longo do tempo, fora dessa instituição e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente em determinados grupos sociais e em determinadas épocas. A cidade, o trabalho, o lazer, os movimentos sociais, a família, a igreja [etc] foram, e continuam sendo, poderosas forças nos processos de inserção de homens e mulheres em mundos culturais específicos. (GALVÃO, 2001, p. 24)

Os pais precisam compreender que a educação também é de sua responsabilidade, que a casa é uma continuidade da escola e vice versa, já que a educação familiar é complementada pela educação escolar. E que as instituições aos quais os alunos estão inseridos, também fazem a educação que contribuem para a escolar.

A vida comunitária faz parte da vida do aluno, quer seja no aspecto educacional, cultural, social, religioso ou outro em que o aluno está inserido. E como os pais estão neste contexto, precisam assistir seus filhos em todas as

circunstâncias, promovendo a inserção social e os valores éticos e morais, tão importantes para seu desenvolvimento integral. À seguir, a questão sobre atividades que envolvem os pais.

Quadro 07- A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Não. Porque nesse caso, são os professores que são envolvidos nas atividades escolares e muitos tem suas ocupações.
P2	Sim, nas reuniões escolares, dia de Páscoa, dias das mães, festas juninas, dias dos pais, crianças, festas natalinas.
P3	Sim. Como por exemplo, promovendo eventos comemorativos, dia da mães, pais, das crianças, gincanas, festas juninas, entre outros.
P4	Não.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018.

Quanto à questão sobre as atividades envolvendo os pais, dois investigados responderam que sim, que são convocados para reuniões, datas cívicas comemorativas que devem ser trabalhadas coletivamente. Porém; dois professores responderam que a escola não promove, pois os professores já são envolvidos nas atividades escolares e têm suas ocupações.

A família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deve estar atenta a dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais. Deve estar pronta para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem de seus filhos. (KALOUSTIAN, 1988, p. 152).

Assim, constata-se que a família, como elo da comunidade deve estar sempre presente em todos os momentos da vida de seus filhos, com comprometimento e responsabilidade; e sempre ativa nas dificuldades dos seus filhos. E é a própria família que deve intervir da melhor maneira possível, fazendo-se presente para o bem estar de todos.

Os pais e escola precisam interagir de forma contínua e buscar resolver os problemas educacionais, considerando sempre as causas dos conflitos e dificuldades, principalmente nas condições que decorrem a educação no campo.

Desta forma, certamente encontrarão juntos as soluções que favoreçam a família, os educadores, a instituição escolar e, principalmente, os alunos. Essa é a razão de ser da parceria entre a escola e a comunidade, por uma educação que os

alunos merecem. A questão a seguir, aborda a questão curricular e a forma de ser trabalhada nas classes com multisséries.

Quadro 08- Como são trabalhados os currículos em classes com multisséries?

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	É complicado, às vezes o professor procura atender o currículo das séries em sala de aula com turma multisseriada, expondo conteúdos misturados para atender o aprendizado dos alunos,
P2	São trabalhados de forma bem complexas, conforme as necessidades dos alunos, também é feito dessa forma: 4º e 5º ano até o meio do ano, são ministrados conteúdos do 4º ano; e no segundo semestre, conteúdos do 5º ano.
P3	Selecionando os conteúdos das duas séries, os de mais importância, por exemplo, em uma turma de 6º e 7º anos trabalha-se no primeiro semestre, assuntos do 6º ano; e no segundo semestre, assuntos do 7º ano. Não tem como trabalhar de outra forma conjugada, já que para a série maior, tudo é mais complexo.
P4	É difícil o professor atender o currículo das séries em sala de aula, misturando os conteúdos para atender a necessidade dos alunos.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018.

Os professores informaram que a questão curricular é complicada, pois o professor precisa trabalhar com conteúdos misturados para o aprendizado dos alunos. Outros, afirmam que trabalham com conteúdos de uma série até ao meio do ano e depois, da série seguinte, para atender a todos.

Que é difícil o professor atender ao currículo, misturando os conteúdos, pois torna tudo mais complexo. Diante disto, Caldart (2002, p. 132) afirma que “ser educador do campo é ajudar a construir com cada sujeito uma pedagogia capaz de formá-lo, como ser humano e como sujeito social; uma pedagogia que se desenvolva nas diversas práticas que compõe o cotidiano deste povo, incluindo a escola”.

Nas classes multisseriadas, a realidade das escolas rurais e das que se identificam com a proposta de educação do campo, são um reflexo da precarização e da falta de professor, o que gera a necessidade de unir diversas séries numa mesma turma com um(a) só professor(a). muitas vezes por não haver formação específica para trabalhar nessa realidade nem uma proposta pedagógica definida, o que ocorre é a seriação da multisseriada, ou seja, o(a) professor(a) divide a sala de aula e realiza atividades diferenciadas para cada grupo. Mas vem a questão do currículo unificado que deve ser adaptado para tal realidade.

E ao verificar a questão, vê-se o professor é peça chave para o desenvolver uma educação, mesmo de forma inusitada e difícil. Que é precisa um jeito especial de ser intermediário de conhecimentos nestes ambientes que tanto precisam de profissionais que contribuam e que façam a diferença. Prosseguindo, as expectativas dos professores da educação do campo com as turmas multisseriadas.

Quadro 09- Fale sobre as expectativas da educação no campo, com as turmas multisseriadas, mesmo com os desafios e dificuldades encontradas nas rotinas dos alunos e professores.

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	As expectativas é que no campo venha ter uma educação mais relevante; pois fica difícil realizar uma atividade com turma multisseriado, mesmo os professores sendo capacitados eles procuram realizar uma boa aula, mesmo sendo difícil trabalha com vários conteúdos ao mesmo tempo
P2	As expectativas é que os governantes venham olhar para a educação com um olhar responsável, principalmente para o multisseriado; e também o empenho maior dos pais e alunos e eu haja sempre estradas melhores para o transporte escolar andar com mais segurança com os alunos.
P3	Não respondeu
P4	As expectativas é que no campo venha ter uma educação mais eficiente, pois com uma turma de multisseriadas fica difícil desenvolver um ensino com maior qualidade, mesmo os professores sendo capacitados; é difícil trabalhar vários conteúdos ao mesmo tempo.

Fonte: Professores da EMEF “Da Paz”, Trairinha, Aveiro-Pará/2018

Quanto às expectativas dos professores do campo, quanto à educação rural, os entrevistados afirmaram que a educação venha a ter mais relevância, pois fica difícil a questão curricular para ser trabalhada com turmas diferentes a mesmo tempo. Há quem diga que os governantes venham de forma responsável, olhar para esta educação, que os pais e alunos se empenhem e que haja melhores estradas para a trafegabilidade com mais segurança.

Outro professor respondeu que venha a ter uma educação mais eficiente, sem tantas dificuldades, mesmo com professores qualificados. Assim, “é considerável o quadro de desconhecimento sobre a perspectiva de Educação do Campo de gestores e professores responsáveis pelas escolas públicas que estão no campo”. (JANATA, 2014, p. 12). As escolas do campo deixam muito a desejar, mas isso se dá devido à falta de compromisso de quem precisa está atento para amenizar situações de desconfortos e de dificuldades nas escolas do campo.

Na maioria das vezes acontece por conta das certas Secretarias de Educação, que para cortar gastos acabam por enviar a esses locais de trabalho pessoas sem qualificação necessária para trabalhar este tipo de educação; mesmo sabendo que são responsáveis por essas escolas do campo que precisam de professores experientes e que realmente querem fazer a diferença e não simplesmente para constar em estatísticas a existências destas.

E não é desconhecido que a falta de apoio pedagógico, a má estrutura da escola, a falta de materiais escolares, professores leigos, difícil acesso para chegar à escola, distorção idade série, e longas distâncias com a questão climática, contribuem muito para a precariedade na educação do campo, e esses pontos negativos levam a repensar em novas metodologias a que venha favorecer e ajudar professores e alunos a à superação destes desafios.

3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Mediante o resultado da pesquisa, onde constata-se os desafios e que as dificuldades estão bem evidenciadas, há a necessidade de sugestão de algumas propostas que possam contribuir com os professores que trabalham na escola investigada e que possam ajudar para um trabalho que tenha sucessos e que aconteça a aprendizagem.

- Utilizar metodologias diferenciadas que atendam a todas as turmas com multissérie.
- Elaborar projetos envolvendo a comunidade civil para interagir com a escola.
- Incluir os pais em eventos cívicos e sociais da escola.
- Produzir oficinas de materiais didáticos- pedagógicos que facilitem a aprendizagem.
- Utilizar a ludicidade, como jogos e brincadeiras como estratégias metodológicas para dinamizar as aulas.

De acordo com as necessidades da escola do campo, da realidade em que vivem os professores e alunos, sobre a questão curricular, as metodologias utilizadas, a acessibilidade e demais condições para que a educação do campo, na condição de multiseriada tenha resultados com uma aprendizagem eficaz, é

preciso que propostas sejam executadas, aprimorando-as de acordo com o contexto em que a escola está inserida. “O tratamento específico da educação rural, teria, pois, dois fundamentos: a condição carente do homem do campo ou sua pobreza econômica e, em contraste, sua riqueza cultural”. (ARROYO, 1992, p. 3). É preciso tratar a educação da melhor forma possível, de acordo com sua realidade.

Enfim, trabalhar a educação multisseriada é um desafio, por ser esta a condição de trazer a educação escolarizada até ao campo; e as dificuldades sempre presentes podem se tornar vitórias, se direcionadas políticas públicas, recursos adequados e professores qualificados para lidarem com uma realidade diferente da vida urbana.

CONCLUSÃO

A educação do campo, com classes multisseriadas, ainda enfrenta muitos impasses, quando trata-se de salas formadas com classes séries diferentes, e com disparidades de séries e idades. Ao tratar dos desafios enfrentados pelos professores de uma escola, no município de Aveiro- Pará, percebeu-se através de uma pesquisa ocorrida em Outubro de 2018, com quatro professores que trabalham efetivamente, onde as dificuldades são diversas, a partir das séries que compõem uma sala de aula.

Verificou-se que os pais pouco participam das atividades dos filhos e da escola, que suas contribuições e presenças são necessárias para a vida educacional e sucesso de seus filhos, mas que suas ausências são justificadas por exercerem outras ocupações.

Percebeu-se que o currículo é adaptado e unificado, onde ministra-se atividades e conteúdos de uma série anterior e conseqüentemente, trabalha-se os conteúdos das séries seguintes. Para que tenham sucessos na medida do possível, constituindo assim, um desafios para os docentes

Ainda pode-se ainda constatar que as dificuldades presentes, estão na questão dos transportes que consistem em carros, motos e há momentos dos alunos deslocarem-se de pés para assistirem as aulas; pois as estradas são intrafegáveis e isso é um problema que precisa ser sanado pelos setores competentes. Além da adaptação do currículo que ainda é imposto de forma unificada.

Portanto, é preciso tornar a escola do campo, um importante espaço e valorização, com orientações pedagógicas específicas ao campo, para que os alunos possam compreender a valorização da educação e do espaço em que vivem, com seus privilégios e riquezas de culturas e costumes, com oportunidades para uma prática escolar que valorize o meio rural, bem como ferramentas que discutam em sala de aula as possibilidades de permanecer no campo com qualidade de vida, educação e acima de tudo, com dignidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Gonzalez. **Escola, Cidadania e Participação no Campo**. Em Aberto. Brasília: nº 9, Set., 1992.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, DF, Congresso Nacional, 1988.

BRASIL, LDB- **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996

BRASIL. MEC/CNE. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo**. Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001.

BRASIL, MOPEE Secretaria de Educação Continuada. **Alfabetização e Diversidade. Programa Escola ativa. Orientações Pedagógicas para Formação de Educadores e Educadora**-Brasília: SECAD/MEC, 2009

BRASIL, [Lei Darcy Ribeiro (1996)] LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996, -5. Ed.- Brasília-DF,2010. BRASIL, Resolução CNE/CEB nº 2/2008. **Estabelecem diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/res_olucao0208.pdf>. Acesso em 12.11.2008.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura**- MEC/LDB 1996: art.28.

BRASIL, INEP- **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**, 2006 Apud SECAD, 2007).

BRASIL, MEC. **Panorama da educação no campo**. Brasília, DF. 2007a.

BUARQUE. Sérgio Holanda de . **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P. 77

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: identidade e políticas Públicas**. Brasília, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. In: **Por uma educação do campo: identidade e políticas públicas**. Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002, p. 25-36.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p..

CAPUTO, Michele; GUIMARÃES, Terezinha Miranda. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CONTAG, (s/d, p.7) **A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura –**

CONTAG – **Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Educação do campo: diretrizes operacionais.** Brasília-DF: CONTAG; MDA, s/d.

DAVIANI, Maria Cristina. **Currículo integrado.** Disponível em: https://www.org.br/rh/publicações/textos_apoio/pub.04u2t8.pdf. Acessado em Maio de 2018

FELICIANO, Marques Stefani et al. **Educação do campo e EJA do campo. Conquistas dos movimentos sociais e desafios.** Universidade Federal de São Carlos. 2011.

FERNANDES, Bernardo Maçando. MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da Educação do Campo.** IN: MOLINA, Mônica Castagna e JESUS, Sonia M.S.A. (Orgs.). **Por uma educação do campo – contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo.** 2. ed. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2005.

FERRI, Cássia. **Classes multisseriadas: que espaço escolar é esse?** Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação de mestrado

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. **Educação do campo: um olhar histórico, uma realidade concreta.** Revista eletrônica de educação. N. 09, 2011, p.14. Disponível em: <www.unifil.br/porta/arquivos/publicacoes/.../1/413_546_publipg.pdf>. Acesso em: 15 Maio de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p.46.

FREITAS, Ivânia Paula. **Educação na perspectiva do Desenvolvimento Humano Sustentavel no Semi-Árido Brasileiro.** (Palestra). In: **Anais do Seminário de Educação e Contemporaneidade – A nova Ordem Mundial.** Salvador, UNEB, 19 a 21 de novembro de 2002.

HAGE, Salomão Mufarry. **A Realidade das Escolas Multisseriadas Frente as Conquistas na Legislação Educacional.** In: **anuais da 29ª reunião anual da ANPED: Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromisso manifestos.** Caxambu: ANPED, 2006.

JANATA, Natacha Eugênia. **Educação do campo: as marcas dessa trajetória.** In. **BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Matemática do Campo / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.**

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1999.

MEDEIROS, R. M. V; FALCADE, I (Org.). **Expressões da re-territorialização do campo brasileiro**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

MENDES, Maria Celeste de Jesus. **Professoras bem-sucedidas saberes e práticas significativas**. In: 31ª Reunião Anual da AMPED. Caxambu-MG, 2008. (GT 04 Didática).

MOURA, Regina Celi Alvarenga de. et al. **Ampliando horizontes com um Estudo da Arte sobre pesquisas em Educação do Campo: um olhar para as políticas públicas, formação docente e práticas pedagógicas**. In: Encontro Mineiro de Educação do Campo, 2009, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.lfti.com.br/EMEC/trabalhos/238/Ampliando%20Horizontes%20Com.pdf> Acesso em: 15/04/2018.

MUNARIM, A. **Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil**. In: MEURER, A. C. (Org.) **Dossiê: Educação no Campo. Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, UFSM, 2008. Vol. 33, nº1. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/>>. Acesso em 27 de abril de 2008.

SALES, S. de S. **Educação rural brasileira: limites e possibilidades do processo de nucleação em Minas Gerais**, MG. (1990-2002). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2006

SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **A política nacional de transporte escolar e a educação do campo no Brasil: algumas questões para o debate**. In: Anais do XX EPENN – MANAUS, 2011.

SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005**. Brasília: IPEA, 2007.

VEIGA, Ilma Passos A. **A prática pedagógica do professor de Didática. Campinas, SP: Papirus,**
1989.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed,1998.

APÊNDICES

**FACULDADE DE ITAITUBA- FAI****CENTRO DE S ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- LTDA**

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de curso que traz a abordagem, “Desafios dos docentes na Educação do Campo em classes multisseriadas”, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI.

Questionário para os professores.

Sexo: _____ **Idade:** _____

Graduando em _____

Graduado em _____

Pós- graduação: Sim () em _____ Não ()

Quantos anos trabalha nesta escola? _____

Já trabalhou em outra escola? Sim () Não ()

1- Quais são as dificuldades de trabalhar no campo?

2- Quais os desafios do professor que trabalha em escolas com classes multisseriadas?

3- Descreva uma classe multisseriada nesta escola.

4- Quais são os perfis dos alunos que estudam em multiséries?

5- Quais tipos de transportes os alunos utilizam para chegar à escola?

6- A comunidade contribui com a educação dos filhos? De que forma?

7- A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como?

8- Como são trabalhados os currículos em classes com multisséries?

9- Fale sobre as expectativas da educação no campo, com as turmas multisseriadas, mesmo com os desafios e dificuldades encontradas nas rotinas dos alunos e professores.

OBRIGADO!